

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO

E

OFFICINAS

RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Alastra e cresce em todas as nações cultas, uma forte corrente de opinião, reclamando a regeneração dos parlamentos. Na propria Inglaterra, tão ciosa das suas tradições, o modelo do regimen parlamentar, imitado e copiado pelos povos de tendencias liberaes, já não satisfaz aos modernos rumos da politica, e está quasi victoriosa a idéa de reformal-o radicalmente.

A tradição que dividia a velha nação britannica em dois partidos, o *tory* e o *wigh*, esmorecen e tende a apagar-se depois do desaparecimento dos grandes homens, que eram os porta-bandeiras da politica que fez a grandeza da Inglaterra; deu-lhe o dominio das Indias, assegurou-lhe a influencia nas mysteriosas terras africanas, conquistou-lhe o sceptro de Neptuno, com o imperio dos mares, e firmou, em solidas bases, a politica de expansão com as suas antenas de polvo, em nome do evangelho da christandade e da civilisação, cavalgando o mundo.

A attitude de soberania, de altivez desdenhosa, tornou-se incompativel com o apparecimento de novos contendores na arena da politica internacional, a formidavel competencia de rivaes formidaveis nos grandes laboratorios do trabalho; a Alemanha, postada no centro da Europa, dominando, com as suas armas, com a politica de Bismark, desde as cumiadas dos Balkans até á flecha da cathedral de Strasburgo; os Estados Unidos da America, realisando milagres de progresso, como sentinella avançada entre dois oceanos e adquirindo extraordinario poder naval afim de desenvolver a sua marinha mercante para a conquista dos mais ricos mercados do mundo; o Japão, finalmente, conquistando, a golpes de genio, de bravura, de patriotismo, um lugar de honra entre as potencias de primeira

ordem, e excedendo, com surprehendedentes vantagens, as perspectivas da diplomacia britannica que o atirou contra a Russia, com o mesmo intuito com que, ha trinta e cinco annos, lançara a França contra a Prussia. Deante desse e outros factos decisivos, os estadistas inglezes reconheceram que não podiam mais viver isolados e procuram allianças com o Japão, com a França, com Portugal, estabelecendo uma *entente cordiale*, com pretensões ao governo do mundo.

Nessas condições, a politica interna, não podendo ficar presa ás tradições, os programmas dos velhos partidos não deveriam permanecer em marcos milliaris, ornamentados com os nomes dos grandes homens, dividindo o campo em dois partidos inalteraveis: era forçoso quebrar o velho vinculo, dispersar as forças para que novos grupos, obedecendo ás transformações do idéal, dos interesses nacionaes, se formassem em torno das indicações da opinião publica, sempre viva, energica, preponderante, naquelle admiravel paiz da liberdade, da supremacia dos direitos individuaes.

Era natural que o parlamento, producto da indole e das tendencias dos dois partidos, soffresse o resultado do enfraquecimento destes, ao mesmo tempo que a camara dos lords era atingida pelos effeitos da degeneração dos seus membros, enfesados rebentos da arvore genealogica com raizes perdidas num passado glorioso.

Indigena da Inglaterra, o regimen parlamentar degenerou num trambolho e está pedindo urgente refórma que o adapte ás tendencias da politica contemporanea, ás idéas defendidas pelos estadistas mais notaveis, pelo sr. Rosebery, pelo sr. Chamberlain, pelo sr. Balfour.

Se nos paizes, em que o voto não é uma miragem, ou um espurio producto da fraude, a refórma da representação nacional é reclamada, como providencia essencial de regularisação

do mechanismo politico, ella deve ser de urgencia oppressiva naquelles em que todo o esforço dos partidos converge, com insistencia barbara, para a deturpação das eleições.

O nosso parlamento tradúz, numa perfeição aterradora, todos os vicios dos costumes que degeneram á proporção que os pretendem melhorar a golpes de decretos, de leis de papel, onde se condensam as mais generosas, as mais patrioticas intenções, leis e decretos destinados ao olvido, como leis da Turquia, a não serem cumpridos, como essa refórma da legislação eleitoral, que tanto preoccupa o fecundo talento do prodigo sr. Anisio de Abreu, exhibido em magnificos discursos, muito sensatos, muito eruditos, muito cheio de atilada observação, mas muito cacetes para a grande maioria da Camara, que deserta do recinto, quando elle pede a palavra, todo arripiado, a medir, com os seus olhinhos geometricos, as bancadas vazias. Os gorgeios do sonoro corrução das margens do Parnahyba não commovem, não encontram echo nos duros corações dos devotos da incoercivel preguiça parlamentar.

A Camara é uma das inuteis peças do mechanismo burocratico que nos governa. A funcção de representar a Nação está reduzida a meio de vida. O parlamento é um recesso do ocio lorpa, da preguiça esteril. E quasi todos esses eminentes homens, pescados, dos fundos sujos das olygarchias, pela politicagem, pobres passivos que não justificam, nem por pensamento, nem por palavras, nem por obras, a posição parasitaria nas elevadas regiões da politica, destinados á subserviencia de obedecerem automaticamente... ; essa grande tropa, encabrestada ao aceno do poder, vota implacavel odio aos discursadores, aos homens capazes, aos espiritos de escól que figuram no meio della, como projecções luminosas, a lhes dar relevo á feiura monstruosa.

Toda a Nação, embóra callejada pelas contínuas deturpações do regimen democratico, contempla, numa dolorosa attitude de amesquinhamento, os seus degenerados representantes, inconscientes do grotesco papel que representam na farça politica.

Não ha um só brasileiro que não sinta a necessidade de regenerar o parlamento, substituindo os seus jograes por homens dignos, independentes, que não reputeem indisciplina fazer uso da palavra e saibam ler por cima, para que se não confirme, no Brazil, tão rico de homens de talento, de espiritos superiores, que as democracias vivem das mediocridades.

Seria de inestimavel vantagem, principalmente para o governo, a dignificação do parlamento compondo-se de homens para os quaes o servilismo não seja a mais sublime expressão do amor á Patria.

Mas o governo, tendo á frente um dictador por quatro annos, só cogita da victoria absoluta da sua vontade, sem os tropeços de discussões que agitem a opinião, sem o concurso de luzes que lhe esclareçam o caminho e lhe revelem os erros ou os crimes. O essencial é que essa travessia de quatro annos se realise sem bulha e termine sem aquellas eloquentes latas, que assignalaram o triste epilogo do quadriennio passado.

Pois essa Camara de asseclas da politicagem foi o juiz esollido pelo honrado sr. presidente da Republica para deslindar o complicado caso de Goyaz.

O alvitre do governo não obedeceu a uma inspiração feliz, que, geralmente, não acode áquelles que andam, por vias tortuosas, provocando conflictos em beneficio de interesses subalternos.

O governo se escusa á responsabilidade de uma situação por elle creada, fomenta a perturbação do organismo politico de um Estado e, quando o caso chega ao ponto de bala, não ousa intervir e não encontra outro meio de descalçar as apertadas botas do sr. Bullhões, senão chamando o Congresso para esse humillimo mistér de laçao.

As attribuições do Congresso se resumem ao fabrico de leis; as suas deliberações se condensam em projectos que, depois dos turnos constituci-

onaes, se incorporam á legislação do Paiz; terá elle, portanto, de atamaucar uma lei feita de encomenda, numa bota mais folgada para os callejados pés desse ministro, ameaçado de ficar ás cascas se o seu prestigio se evaporar do seu feudo. Mas, como o Congresso não póde legislar sobre factos passados, porque a Constituição lhe vedou decretar leis retroactivas, a deliberação que elle tomar, em obediencia ao governo, nada obrigará: será uma necessidade mais a envergonhar a Republica.

Essa lei seria uma especie de sentença, definindo os direitos envolvidos nas eleições do Estado, ou resolvendo um conflicto de direitos, competencia que a nossa organização politica conferiu, exclusivamente, ao poder judiciario.

A porta de escape esollida pelo governo, abre para um abysmo, dá para um evidente absurdo, de consequencias desastrosas.

Seria mais digno fôssem aquelles politiqueiros de Goyaz, ingratas creaturas rebelladas contra o seu creador, punidos do seu feio peccado a ferro e fogo, como fez o sr. Campos Salles para tirar o seu omnipotente ministro de identicos apertos em Matto-Grosso.

Teria, pelo menos, o merito da franqueza, inventar uma legião Rodrigues Alves que passasse á Historia com façanha igual á da legião Campos Salles, de ensaguentada memoria.

Entre os escandalos de arranjar, do pé para a mão, uma lei *ad hoc* e o de provocar uma bernarda official em Goyaz, o ultimo seria mil vezes preferivel.

E' lamentavel que essa pedra tenha caído no telhado do ministro Bullhões, a mais meiga das creaturas que jámais carregaram uma pasta; é pena: a fatalidade não escolhe as suas victimas.

\*\*\*

Resta a consolação de que aquelle appello á Camara é um salto furtado sem consequencias. A commissão de constituição e justiça declinará da honrosa incumbencia, por não ser juiz de paz, e Goyaz continuará anarchisado, dando o mais triste exemplo do excesso a que póde chegar a politicagem degenerescente.

Goyaz não peza na balança das candidaturas presidenciaes, e o ministro, agóra interessado no conflicto, é ho-

nesto, não é dado ás feitiçarias do barão de Rosuy do sr. Campos Salles.

POJUCAN.

## AS POEIRAS E OS DAMNOS QUE ELLAS PÓDEM CAUSAR

### I

Não é a primeira vez que a *Sociedade de medicina e cirurgia*, toma a iniciativa de apresentar ao governo central, ou ao executivo do municipio, planos que concorram para a melhora das condições de vida na metropole.

Acaba ella, ainda ha cerca de duas semanas, de apresentar ao benemerito prefeito municipal, sob proposta dum dos seus mais prestantes membros, uma representação redigida por competente bacteriologo tendente a demonstrar a essa auctoridade a série de inconvenientes que poderão advir á população pelo desprezo das mais comensinhas regras d'hygiene no que toca á disseminação das poeiras provenientes dos trabalhos que, ora, são executados aqui. E' bem de ver que não haverá mistér cortar-se a arvore para a colheita do fructo. Deixemos aos nossos ou aos aborigenes d'África essas absurdas praticas. Para que se eleve o expoente esthetico da nossa bella capital, para que alguma coisa a mais que a sua *bella naturalèza* hajam que admirat os estrangeiros que nos visitam, não se torna imprescindivel que nos achem elles com as cifras da *diphtheria*, das *molestias do apparelho respiratorio* ou das *ophtalmias* augmentadas ao ponto de parecer o Rio uma Londres ou uma Pariz! Já nos chega, a esses e a outros respeitos, mais que o verniz de civilização que adquirimos desde o tempo em que eramos o unico imperio da America, a *flôr exotica do imperio*, das ominosas epochas, na imagem estafada e repetida dos demagogos doutr'ora.

Poder-se-á affirmar, sem receio de contestação, que é pela pratica severa, ininterrupta, convicta e intelligente das regras de hygiene, no que respeita ás suas multiplas fórmulas, e applicaveis a todos os momentos e actos da vida, que um individuo ou um povo poderá ser tomado a serio como unidade e factor de civilização.

Já no introito do seu primoroso *Ensaio* sobre a educação, disse-o Herbert Spencer, que os selvagens, primeiro que pensem em cobrir a sua desnudez, que se preservem contra as intempéries e que tenham consciencia da primeira ou reconheçam as desvantagens das ultimas, tratam de ataviar-se, de cobrir-se de enfeites de toda a casta, oriundos dos vastissimos armazens da

natureza, desde o multicôr das penas das aves florestaes, as fibras de plantas coradas pelos fructos e cascas tinctoriaes da selva, os dentes, as pelles e nhlhas dos animaes bravios, sens visinhos e parceiros de vida, até as conchas que bordam as praias das desertas regiões e que guardam tambem em seu bojo os ruidos das civilisações extinctas, e todas as estranhas historias que nos póde contar o velho mar, na ficção terna e encantadora do cantor antigo...

E, a observação do philosopho inglês ratificada por todos os estudiosos e viajantes que se atrevam ás longinquas e ignotas regiões, ou parem, desejosos de ver *algo nuevo* no proprio homem, seu irmão e co-municepe, alli assim á beira do Ouvidor, o nosso unico salão commum de elegancias aprimoradas e a nossa vitrine de exposição permanente em materia de civilização animada, é sempre a mesma.

Recordo, ao escrever agóra, o que disse Marc, quando nos visitou, e de cujo passeio nos ficaram os dois volumes que deveram ser mais lidos do que o são, relativamente ao modo de trajar de alguns *elegantes*, que viu no Pará. Admirou-se o viajante francês que reagissem os filhos da terra ao calor tropical, supportado naquella zona por meio de altos collarinhos luzentes e da classica cartola, si não *luit* ao menos *quatre reflets*, dada a epocha em que os vin snando ás estopinhas, para manter a linha da civilização, áquelles nossos irmãos em Christo...

Os factos, na sua indefectivel e hieratica maneira de se apresentarem, dadas condições eguaes, são sempre os mesmos. O que varia nelles ou, melhor, o que nos parece nelles variação, nada mais é do que mudança de ponto de vista nosso, quando os observamos, ou desaparição das circumstancias sob as quaes nasceram.

Afim de casar com a observação de Marc, lembro tambem o que nos nararam os historiadores das differenças de resistencia dos craueos dos persas ás laminas afiadas dos soldados d'Amasis e de seu filho Psametik III e dos egypcios ás dos guerreiros do filho de Kuros, o intrepido Kambuses, que nós teimamos em chamar Cambyses. Como tivessem os persas as cabeças sempre envoltas em pesados turbantes, eram essas doces e molles ao ferro do inimigo, ao passo que as dos vencidos, por mais arejadas, eram resistentes e duras ao córte das espadas do vencedor.

E' um desses multiplos paradoxos de que se acha recheiada a historia e que tem por distico geral esse extracto da philosophia popular: nem por muito madrugar se accorda mais cedo!

Não ha negar: é de todos quantos bens gosa o homem sobre a terra, a saúde o mais precioso delles. Talvez que a paz de espirito, o contentamento de si e os applausos da propria consciencia, valham um pouco mais do que a saúde...

Houve quem pensasse assim e collocasse esses dons do céu acima della e das proprias riquezas: tal o pensou Seneca quando a isso se refere numa das suas cartas a Lucilius.

Valerão, porém, a tranquillidade do espirito e os bens da fortuna quando se tem um organismo veletudinario ou asseteado pelas mil frechas das molestias que nos pódem acommetter?

Bem torto, porém, em certas coisas, fez Iaveli este nosso mundo e esta nossa vida, a tal ponto que Affonso, o sabio, de Aragão, se propunha a dar-lhe quináu, mesmo que elle o não consultasse, si, acaso, fôsse presente no infinito nas vespas do *fiat lux*, antes do parto do calios, que nos fez apparecer.

Ora ali está, por exemplo, entre essas falhas apontadas do venerando pae de Christo, a ausencia de saúde perfeita, typica e absolutamente normal do proprio homem! Que é a saúde perfeita, estavel, idéal? Um *verdadeiro* mytho. Qual o limite entre a saúde e a molestia, que, entre outros, julgou haver descoberto Hanhemann e quejandos outros escriptores, estabelecendo-a para ponto de partida e fulcro de seus systemas? Mythos! Sempre a necessidade de classificações, systemas, categorisações e theorias das quaes sente o estudioso precisar, afim de entender o que mal percebe, o que não o impede de esbarrar, a cada passo, com obstaculos, alguns creados pela sua propria phantasia; o que fal-o sulcar um mar sem margens, encontrando parceiros a cada instante, por insufficiencia de conhecimentos; o que fal-o admirar-se, conforme diz Duclaux, que *la nature garde ses coudées franches*, em pontos de doutrina onde a sua petulancia julgou, para sempre, haver posto um marco intransponivel!

A fimbria do véo mal começa a ser erguida, ai de nós! que já vamos caminho do seculo XX, somos tão ignorantes e julgamos ter o mundo nas mãos e Deus ao alcance da nossa aguçada psychologia!

Quando na boa paz do Senhor se respirava o livre ar que leva o gaz benefico aos pulmões, mal sabiamos que os tinhamos; que existia oxygeno nelle, quanto mais que esse proprio ar inspirado levava á parte superior das vias respiratorias myriades de germens que dançam chorêas polychromas num raio de sol! Foi o doce Tyndall quem, scientificamente, demonstrou aquillo que, sem duvida, centenas d'homens haviam notado antes da sua classica demonstração. Que o ar contém ger-

mens, bem como o sólo e as aguas, já ninguém duvida. Passou isso ao conhecimento vulgarissimo e está ao alcance das nossas cosinheiras.

Ao demais, nós os detemos nos meios de cultura; lhes damos o bem estar necessario ao seu desenvolvimento e, com elles, multiplicando a vida, pudemos tambem fazer o que, frequentemente, elles fazem sem nós: multiplicamos a morte. Com o auxilio de potentes microscopios, contamol-os, discriminamol-os; por meio dos nossos filtros mais aperfeiçoados, oppomolhes uma barreira intransponivel, detemol-os todos! Todos? Não, infelizmente, não! Até bem pouco, nós só podiamos distinguir germens que tivessem um *decimo de micro-millimetro*, e estavamos contentes com isso. Pejulgavamos que as dimensões de todos os microbios estivessem comprehendidas, precisamente, nos limites da visibilidade das mais aperfeiçoadas objectivas dos microscopios de *Zeiss* ou de *Leitz*. Que duvida temos nós de que existem germens cujo tamanho está muito abaixo do limite supra citado?

Baste, para convencer os leigos, afirmar-lhes que ha *microbios invisiveis*, de que ha germens capazes de atravessarem os filtros na apparencia mais impermeaveis a quaesquer *particulas solidas*, de que ha molestias contagiosas perfeitamente estudadas e *cujos microbios ainda não fôram vistos*. Entendem? Já estudiosos da capacidade de Borrel, Centeni, Loeffler, Frosch, Reed, Carrol, Agramonte, Nocard, Roux, Simond e Marchoux, puderam *demonstrar* a natureza microbiana de algumas molestias do homem e dos animaes e cujos germens estão ainda nas encolhas. Taes, entre essas molestias, a *febre alytosa dos bovideos*, a *peste dos passaros*, a *peri-pneumonia bovina* e a nossa *patriotica febre amarilla*, melhor chamada jacobina...

Anima-nos, porém, a esperanza de que, dentro de alguns mezes, talvez annos, appareça alguem que dote o mundo de aparelhos augmentativos capazes de nol-os fazer perceber. E, para embalar-vos docemente, devo dizer-vos que Zsigmondi e Sientoff ultimamente descobriram um methodo pelo qual puderam distinguir corpusculos cujas dimensões fôram avaliadas em *cinco millesimos de micro-millemetro*. Chega!

Toca-se quasi que já ás barreiras do infinito! Daquia instantes, nos achamos na mystica região dos *atomos*, *molecules*, *mycellias*, *ions*, *electrons* e outras coisas exquisitas, dessas que já começam a despertar, esfregando os olhos nos vocabularios gregos, prestes a saltar para as paginas dos livros e revistas, onde irão saracotear pelo mundo além, mal desprendidos da *prótylo* hypothelico do illustre W. Crookes.

## II

Para que subir tão alto, ás regiões mysteriosas do *prótylo*, quando só as poeiras nos devem agóra occupar? E' que, pela sua levesa, pela insignificancia das particulas animadas e vivas, organicas e mineraes, ellas tudo penetram, espalham-se pelo ar em verdadeiras nuvens voltijantes, participam da *vida* dos elementos aéreos mesmos, e, saíndo do sólo, voltam de novo para elle, num continuo cyclo, no qual se mineralisam muitos dos elementos vivos que a compõem, emquanto outros se desentorpecem, como que resuscitam, para voltarem de novo ao seio da propria vida. Não foi, pois, sem motivo que o sabio Littré definiu sobria, embóra imperfeitamente, as poeiras: *terre finemente poudrée!* A constante acção dos gazes aéreos, do sol e o proprio termo do cyclo vital de muitas bacterias condúl-as á sua mineralisação pela morte. Outros, de si pouco resistentes nas suas fórmulas adultas, revestem-se de caracteres propios á resistencia, ás multiplas causas de destruição por meio de modificações que soffre o seu protoplasma, aliás insignificante. São fórmulas condensadas do ser vivo, verdadeiros accumulos de energias. Taes são os *espóros*, para aquellas bacterias que os produzem, dadas certas condições e postos em liberdade no meio ambiente. Não é, agóra, o momento para insistir sobre a estructura delles, sobre a discriminação das especies nas quaes esse modo de reproducção é observavel.

Saiba-se ao menos que as especies que não apresentam essa fórmula reproductora, são nimíamente destructiveis. Citemos, de passagem, o *bacillo diphterico*, que não esporula, o qual é attingivel pelas soluções antisepticas fracas como a de sublimado a 1‰, pelas baixas temperaturas e que a 70°, n'agua, fenece em alguns minutos. E' verdade que observaram-se, em certas bacterias que não produzem esporos, certos organs de resistencia, que fôram denominados *arthrospóros*. São ellas semelhantes áquellas observaveis entre os cogumellos que apresentam fórmulas de resistencia por enkystamento duma parte do seu protoplasma e espessamento da membrana d'envolucro: são os *chlamydoespóros*, que nada de commum téem com aquelles, que são, portanto, fórmulas de defeza, e resistencia das bacterias. Seria propicia a occasião para desenvolver o que penso sobre a origem das bacterias, assumpto do mais palpitante interesse, que é o mesmo da origem das molestias infectuosas. Reservo-me para, com detalhe e vagar, fallar desse assumpto de alcance tão extremado em todos os estudos de microbiologia. Escrevo aqui de materia d'ordem scientifica, mas accessivel ao

commum dos leitores que se não iniciaram, por estudos systematicos, nellas. Ha, pois, motivo para não accumular noções outras que não condigam especialmente com o tratado.

As questões d'origem fôram sempre suscitadoras de debates; por isso, me adstrinjo, agóra, á noção de fim.

Muito se tem escripto em artigos esparsos, mas pouco compendiado sobre o mal que nos pódem causar as poeiras, e o accordo não é perfeito, ou, antes, nenhum accordo existe, quanto ao que toca á nocividade dos germens, que, com ellas, pódem ser disseminados no ar.

Ninguem talvez com maior competencia se externou respeito a esse ponto do que Mamfredi, cujas systematicas pesquisas em muitas clausulas confirmam observações de pesquisadores que o precederam, o que foi exuberantemente posto em relevo por Du Mesnil. Já Emmerich encontrára o *pneumococcus* no sólo duma prisão; Cornet tuberculisára cobayas inoculando-lhes a poeira de um hospital de tysicos; Kelsch demonstrou o papel activo do sólo na disseminação do *bacillo typhico*; Uhlmann demonstrou a extraordinaria ubiquidade dos microbios do pús. Mamfredi encarregou-se de pesquisas complementares que deveriam revalidar as dos seus antecessores. Dahi, as conclusões ás quaes chegou: as immundicies das ruas são dotadas de propriedades infectantes e, entre os germens pathógenos para o homem, são encontrados, muita vez, os do tetanos, da suppuração, da tuberculose e da sceptemia gangrenosa ou edema maligno.

Certo é, conforme disse-o acima, que esses germens não vivem indefinidamente no sólo, mesclados ás suas immundicies. Comtudo, frequentemente, acham ali faceis condições para o seu desenvolvimento e nelle conservam, durante algum tempo, suas propriedades especificas. Esse prazo é de 2 a 3 mezes para o bacillo tuberculoso; de quinze dias, para o da choleira asiatica; de 20 a 30 dias, para os do pús; de 2 a 20, para o do carbunculo; de 15 dias, para o da diphteria e de 3 mezes para o germen da erysipela. Comquanto seja, pois, discutivel a penetração dos germens até o íntimo da arvore respiratoria, nenhuma duvida pódem haver, parece, de que os germens encontrados nas immundicies das vias publicas e nas poeiras, não succumbem tão rapidamente como muitos suppõem. Ao demais, pondera, judiciosamente Du Mesnil: não esqueça o facto de ser repetida e constante a pulluição das ruas, cujas poeiras são de novo disseminadas pela seccura dellas sob a acção do sol e dos ventos quentes. Cornet, a esse respeito, observou que esses ventos secos favorecem a pulverisação das im-

mundicies, o que determina, nas suas epochas proprias, augmento manifesto das cifras de certas molestias infectuosas, corysas, catharros, bronchites, etc.

Quem, entre nós, mesmo leigo, não tem feito analogia observação? Lamento que me seja vedado, agóra, trazer a cifra exacta, consignada pelas annotações do proficiente demographista da directoria geral de saúde publica, do augmento das molestias do apparelho respiratorio e das ophthalmias, durante os cinco e, principalmente, dois ultimos annos. Isso viria fortalecer os argumentos tendentes a condemnar como vexatorios e deletorios para a população desta cidade, os processos barbaros e primitivos empregados nas demolições sem conta e na criminosa pratica, que outro nome não pódem ter, das varreduras a secco das nossas ruas e praças, das casas particulares e estabelecimentos publicos, e das baicas que fazem o trajecto entre o nosso porto e Nictheroi, onde a sua energica e methodica administração ainda não quiz, ou não pódem, applicar systema menos incommodo e prejudicial aos seus innumerados passageiros.

Temos como certo, pois, que as poeiras são vehiculos dos multiplos germens, ha pouco assignalados e que são lesivos para a saúde do homem. Mas, por sem duvida, que não é esse o mal unico que ellas nos pódem causar. A presença de particulas tenuissimas de seliça, de pó metalicos, de carvão e de substancias mineraes outras, exercem sobre o tecido pulmonar verdadeiros traumatismos, acções mechanicas altamente prejudiciaes, que engendram inflammações chronicas, em fóco, do tecido pulmonar, não poucas vezes determinam escleroses locais, amollecimentos e até cavernas que conduzem a uma falsa tuberculose.

Chamam-se *pneumokonióses* essas pulmonites chronicas provocadas pela entrada no pulmão, até os alvéolos, a verdadeira superficie respiratoria, dos pó multiplos, todos elles irritantes. A anatomia-pathologica ainda não está perfeitamente fixada em todas as variedades de *pneumokonióses*, cujas principaes variedades são: a *anthracóse*, causada pelo pó de carvão, a *sideróse*, pelos pó metalicos, mórmente pelo oxydo vermelho de ferro, a *aluminóse* e a *calicóse*, produzidas pelos da seliça e alumina.

Em muitos casos, nas necropsias, encontram-se pulmões endurecidos, resistentes ao escalpello, principalmente nos apices, quasi solidificados pela presença dessas particulas ahi encrustadas. Si a quantidade de pó que chega ao pulmão, é pouco abundante, é englobada ahi por elementos do sangue, chamados leucocytos, por certa variedade desses.

Por elles são acarretados através os vasos lymphaticos, sobretudo quando os ganglios da mesma variedade estão permeaveis, em estado de saúde, e vão causar, na *anthracose*, embolias de carvão no figado, no braço e no peritónio. Si, ao contrario, os ganglios são impermeaveis, as particulas vão ou permanecem no pulmão e dão logar á *anthracose pathologica*.

Quando a inalação das poeiras ao envez de passageira é contínua e permanente, como é o caso entre nós, no momento actual, quer os germens, quer as particulas microscopicas de poeiras diversas accumulam-se no tecido conjunctivo intra-alvéolar e intra-lobular, onde permanecem indefinidamente no interior das cellulas collectoras, os elementos do pó, *Staubzellen*, de Langhans. Pódem-se engendrar, por esse processo, verdadeiras cavernas pulmonares, que embóra pequenas, lembram as da phymatose; dahi, o nome de *tuberculose anthracosica*. De tudo isso se infere, está visto, que haverá diminuição do campo respiratorio, retracção da superficie da troca dos gazes atmosphericos e do anhydrido-carbonico oriundo das oxydações organicas, com todas as consequencias que esse estado anomalo póde acarretar para o organismo.

Pondere-se bem que tanta necessidade tem o homem e tanto direito o cidadão aos alimentos sãos, a uma agua limpida e potavel clinica e bacteriologicamente fallando, quanto a um ar puro e isento de poeiras deletérias.

Não poder-se-á, talvez, destruir as poeiras; isso seria utopico. Póde-se, todavia, impedir que ellas sejam levantadas e disseminadas, a pretexto de aceio, pelo brutal processo da varredura a secco que é simplesmente, dil-o com espirito, um tratadista, tomar microbios e semeal-os no nariz, na bocca, nos pulmões, na pelle e nas roupas, de modo a poder-se dizer que o braço que maneja a vassoira é um braço homicida.

Realmente, é sobremodo vergonhoso para nós, que temos o dever patriotico de apparecer bem aos olhos dos estrangeiros que vêem colloborar connosco na obra da nossa civilisação, ou, de passagem, nos visitam, que, num ponto de hygiene como esse, nos mostremos tão primitivos e rotineiros.

De multiplos meios poderá lançar mão a nossa municipalidade, para acabar com essa perniciosa e atrazada pratica das varreduras a secco, ou pela commissão que dirige as obras de demolições. Fique ao criterio dos seus representantes e directores, a applicação dos mais conducentes delles com o nosso meio. Entre a *petrolagem* da *macadam* ou do asphalto, (como se faz em muitas cidades dos Estados Unidos do Norte, em Monaco e noutras ci-

dades) o processo actualmente usado na California, onde parece haver sido resolvido o problema, e a simples regagem das ruas como foi feita, em tempos, mal e imperfeitamente entre nós, on de modo perfeito pelo qual ella se faz hoje em Milão, haverá sem duvida que escollier.

Nessa ultima cidade, está posto á prova o systema dos automoveis irrigadores, compostos dum reservatorio que é cheio com agua, e esvasiavel mediante tubos perfurados em leque, adeante e atrás do vehiculo, construidos de modo a poderem funcionar da esquerda para a direita, ou de modo inverso.

Uma plataforma é destinada aos empregados, e a distribuição da agua faz-se regularmente, d'accordo com a largura das ruas. Esses *autos* irrigadores fazem com que a regagem da cidade, que tem cerca de 300.000 habitantes, faça-se em menos duma hora. A's cinco da manhã, acha-se terminado o trabalho, antes da circulação dos vehiculos e dos pedestres.

Compare-se isso com o adoravel e inimitavel systema posto em execução pela nossa edilidade: no pino do dia, quando mais fortes dardeja o sol implacavel os seus raios sobre o *empedramento* das ruas ou o quasi nullo calçamento dalgumas dellas, vê-se o rude varredor, tendo uma colossal vassoira, manejada com morosidade e preguiça a levantar nuvens de poeira suffocante e mortifera!

On então, encontra, entre meia noite e 2 da manhã, quem regressa fatigado, em condições proprias á infecção, dos theatros, dalguma tertulia ou *sauterie*, os mesmos rudes varredores, os quaes, julgando-se sem testemunhas, com espantoso *brio*, levantam trombas e columnas espessas da benemerita *frontina*! E' mirifico! Nas barcas de Nictheroi, cujo bom serviço, seja dito de passagem, é digno de encomios, mal entram aos ancoradoiros, dellas saem e começam a entrar novos passageiros, vê-se um empregado de bordo, convicto do seu papel, a levantar o pó tenuissimo do pavimento dellas e a semeal-o nas nossas narinas, bocca, cabellos, pelle e da roupa, muita vez fina e cara, das senhoras. A sua administração bem poderá, em beneficio da saúde publica, determinar modificações para esse systema deploravel.

O processo applicado na California, e do qual, resumida mas claramente, se occuparam os *Annaes*, á pag. 405 do seu numero 38, talvez não possa ser applicado já entre nós, porquanto exige elle um especial preparo das ruas de accordo com o sólo e com o clima. «O terreno lavrado numa profundidade de 30 ou 40 centimetros, é calcado e nivelado, é irrigado com um oleo composto de asphalto e petroleína, que o

penetra profundamente; o asphalto absorve e a petroleína serve de cohesivo». Em toda a California, está em voga esse systema de incontestaveis vantagens.

E' provavel que a nossa municipalidade desdenhe esses systemas todos; que as commissões fiscaes da *avenida primeira* tambem se não importem com isso, obrigando os demulidores a irrigarem, abundantemente, com agua doce ou mesmo com a do mar, simples, ou electrolysada, as casas que caem, diariamente, sob o camartello.

Eu vejo nesse desdém algo de superior e philosophico, altamente enigmatico e mysterioso! Talvez tenha ella em mente o melancolico *in pulvis reverteris* da liturgia catholica, ou medite aquell'outra egualitaria phrase gravada numa das lapides que pontuam a crypta da cathedral de Strasburgo, onde se lê: queres saber quem eu sou? eu te responderei: sombra e poeira, á qual alludiu fogoso tribuno brasileiro no elogio funebre do generoso Deodoro, cujo cerebro, cujos musculos e cujo sangue bem como os doutros próceres da Patria, a essas horas circula, quiçá, no turbilhão incessante da vida, seja della poeira tambem que nós venhamos a aspirar, beneficemente como já nos embebemos da lição do seu patriotismo, que levára, a todos quanto tenham disso o dever, a derrocar as muralhas da ignorancia e reduzil-as tambem a pó.

DIAS DE BARROS,

Professor substituto na Faculdade de Medicina.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Notificação compulsoria de molestias contagiosas, suscitada pelo dr. Vaillard na Academia de Medicina de Pariz.*

O dr. Vaillard suscitou, na Academia de Medicina de Pariz, a importante questão da notificação das molestias contagiosas, a proposito das epidemias de sarampo e escarlatina nos quarteis, que, contra a opinião muito em voga, não são focos de origem dessas epidemias, mas a importavam pelos recrutas e praças licenciadas.

Apezar de todas as precauções, é muito difficil prevenir essa importação, porque as municipalidades e os medicos não observam as prescrições da lei de 1902 sobre a notificação obrigatoria das molestias infecciosas. Isso determinou o dr. Vaillard a propor um voto para que essas prescrições fôsem rigorosamente observadas.

O dr. Henrique Monod, discutindo a proposta, fez o historico da questão do ponto de vista administrativo; demonstrou que a administração edificára com o auxilio de circulares e re-

gulamentos, um mechanismo muito completo para a execução da lei, mechanismo que sómente tinha um defeito — o de não funcionar, porque todo o appparelho se baseava na declaração previa, que os medicos não fazem.

A Academia votou por unanimidade a proposta do dr. Vaillard, assim como a do dr. Carnil, para que o regulamento corcemente á desinfeção dos sitios, em casos de molestias contagiosas, seja obrigatoria e effectiva.

Por toda a parte, o clinico é o primeiro infractor dos regulamentos sanitarios; porque não se póde separar do sacerdocio humanitario o interesse. Quando se trata de doentes importantes pela posição social, pela fortuna, os medicos empregam todos os meios para sophismarem a notificação, ou só a fazem nos casos demasiado evidentes, nos quaes não se possam abrigar, numa incerteza, numa duvida de diagnostico.

\* \*

*A geração espontanea—O radium, fonte da vida—A descoberta de Burke: particula de radium em solução de gelatina.*

John Buller Burke, jovem sabio addido ao laboratorio de Cavendish, em Cambridge, pensa ter descoberto a *geração espontanea*, o nascimento de sêres sem procreação anterior.

O phenomeno da transformação da materia inerte em cellulas vivas, constitúe, como se sabe, o problema mais apaixonante da biologia. Todo o mundo conhece as curiosas experiencias do professor Yves Delage no laboratorio de Roscoff, obtendo a fecundação artificial de ovos de asterias—estrellas do mar—por meio do acido carbonico.

Burke modernizou singularmente o problema, porque, para a producção espontanea de sêres vivos, empregou o radium. A sua experiencia consiste em collocar uma particula de radium em uma solução de gelatina rigorosamente esterilizada. No fim de um ou dois dias, o exame microscopico revela a existencia de culturas formadas por pontos negros, que augmentam, lentamente, de volume, e se subdividem em varios elementos novos quando adquirem o volume de sessenta millisimos de pollegada.

Por insignificante que pareça aos leigos esse resultado, não deixará de ser o ponto de partida de novas controversias entre os sabios de todos os paizes.

Esses microbios de novo genero receberam do seu inventor o nome de

*radiobos*, aos quaes elle attribúe a fórma primitiva da vida, desvelando a mysteriosa origem dos sêres.

\* \*

*Toxidade dos ovos de vibora demonstrada em operações sobre cobayas — Novos resultados dos trabalhos de Philsalix.*

O sr. Philsalix, continuando os seus interessantes trabalhos sobre o veneno das voboras, communicou á Academia de Sciencias novos resultados: trata-se da toxidade dos ovos de vibora demonstrada em operações sobre cobayas. Ao passo que são precisos 4 centimetros cubicos de sangue do reptil para matar uma cabaya, a dóse de um centimetro cubico do vitellus dos ovos basta para produzir o mesmo effeito mortal.

\* \*

*Combinação do mercurio com materias organicas — As ultimas experiencias de Louise e Moutier. — Os resultados.*

Ha alguns annos, morreram dois chimicos pretendendo preparar a combinação do mercurio com materias organicas, como o methylo e o ethylo. Louise e Moutier acabam de tentar novas experiencias, empregando compostos do phenol, e obtiveram um novo corpo—o mercurio pleniilo, com a singularidade de ser inteiramente inoffensivo, susceptivel de varias applicações medicinaes.

## A ARMADA NACIONAL

*Novos insuccessos, infligidos por Brown á nossa esquadra — A ineptia dos nossos officiaes—A escola da marinha.*

O substituto de Rodrigo Lobo foi o chefe Rodrigo Pinto Guedes, depois barão do Rio da Prata. Apenas empossado no cargo de commandante em chefe da esquadra, tratou de dar a esta uma melhor organisação, por mais sabia distribuição, donde melhor aproveitamento, das forças que a compunham.

A 30 de julho, empenhou-se um combate mais serio que os anteriores, e no qual as armas brazileiras fôram victoriosas, a despeito de consideraveis perdas soffridas, perdas compensadas pelas que causamos ao inimigo, e, entre essas, avultava a destruição da sua corveta capitanea.

Não será de mais accrescentar que não fôram colhidos maiores resultados devido a não poderem os navios brazileiros, pelo seu grande calado, chegar-se mais ao inimigo, defeito a que os chefes da nossa esquadra pediam remedio desde o inicio da campanha.

Dir-se-ia, após esse combate, que todos os insuccessos, até então soffri-

dos pela nossa armada, provinham tão só da incompetencia ou da má estrella de Rodrigo Lobo. Já veremos que tal não era; e o que se póde, desde já, affirmar é que aquella victoria se deve á iniciativa e á bravura de Norton, com o auxilio de Greenfell, Hayden e Senna Pereira, pois foi o primeiro quem procurou a acção e quem, durante ella, commandou as nossas forças, das quaes faziam parte os navios dos commandos dos outros tres.

Para contrabalançar essa victoria, veio, logo após, o combate, para nós desastroso, do Juncal.

Senna Pereira fôra mandado, á frente da divisão que passou a commandar, para o Uruguay, afim de auxiliar o exercito em suas operações e de impedir a passagem do inimigo para o nosso territorio. Brown, tendo disso sciencia, e apesar de dever estar sob a fiscalisação rigorosa da nossa esquadra, subiu o rio até Martin Garcia, onde se apoiou para aguardar a des-cida daquela força.

Sabedor dos planos inimigos, o barão do Rio da Prata ordenou a Mariath, a quem entregou para isso o commando duma nova divisão, de ir reforçar a de Senna Pereira ou de metter Brown entre dois fogos.

Todos os planos fracassaram; Mariath, não tendo podido reunir-se a Senna Pereira antes de encontrar-se com Brown, foi forçado a bater-se com este, sem resultado definitivo ou, ao menos, sem lhe fazer avarias de monta; depois, Brown subiu em busca de Senna Pereira, e Mariath não o seguiu. A divisão que devia ter sido soccorrida, foi, então, esmagada, e a de soccorro, proximo ao logar da acção, que se empenhou em dois dias, não lhe prestou o menor auxilio, nem de leve procurou incommodar o inimigo.

Graves e, pelo que se lê, cabidas, fôram as accusações, que pezaram sobre Mariath, pelo insuccesso. No entanto, as responsabilidades ficaram por apurar e o nosso desastre a fornecer o nome de uma das avenidas de Buenos-Ayres.

A esta, vieram logo juntar-se as derrotas soffridas pelas expedições á Patagonia sob o commando de Sheperd, e á bahia de S. Braz, sob o de Eyre. A proposito desses desastres, Pinto Guedes faz peizadas e vergonhosas accusações a muitos officiaes que, mais tarde, sem dellas se terem então justificado mas tambem sem nunca ter sido apurada a veracidade dellas, chegaram a occupar notaveis posições, muito embóra sempre, a par dos favores officiaes, soffressem duros ataques.

O que veio a ser depois visconde de Inhaúma, e que era, então, apenas 2º tenente Joaquim José Ignacio, foi pelo barão do Rio da Prata accusado de fraqueza ante o inimigo; alguns outros,

de se acharem em estado de embriaguez por occasião de combate. Mariath soffreu desse chefe as mais rudes censuras, e, na parte que dá sobre a expedição á bahia de S. Braz, Eyre ataca tambem fortemente o capitão Reid, da *Maceió*.

Se veridicas todas essas accusações, como fôram punidos os delinquentes? Por fórma alguma. Se inveridicas, quem respondeu pelos calumniosos e infamantes labéos? Ninguem; e quem, em summa, respondeu pelos desastres, todos injustificaveis e devidos só a ineptia, cobardia ou traição? Pessoa alguma.

Convém ainda advertir, a proposito do combate do Juncal, que o barão do Rio da Prata havia muito solicitára do governo em Montevidéo, tropa para fortificar e guarnecer Martin Garcia; cento e vinte homens bastavam-lhe, dizia; esses mesmos lhe fôram negados. Martin Garcia, fortificada e guarnecida, ter-se-ia evitado a derrota naquella combate.

Mas a esquadra argentina começava já a enfraquecer. O combate de 30 de julho lhe fôra fuesto. O recurso de que o governo de Buenos-Ayres lançára mão — o corso — trazia-lhe, pela dispersão de elementos aproveitaveis, mais desvantagens do que resultado favoravel, muito embóra os corsarios levassem sua ousadia a ponto de nos atacarem proximo á nossa costa e junto aos portos de mais movimento. Porém, mesmo esse recurso começava, em si, a ser impropicio.

O combate do banco Sant'Iago veio ainda mais aggravar o estado da esquadra inimiga; depois d'elle, diversos outros sem importancia fôram, a pouco e pouco, extinguindo a armada de Buenos-Ayres.

O imperio, por seu lado, cançava-se. As operações, em geral mal dirigidas e os chefes em geral mal apoiados, não correspondiam ás despezas de guerra. E veio, por fim, a paz.

\* \* \*

A guerra da Cisplatina terminou, sabemol-o todos, com o reconhecimento da independencia da banda oriental do Uruguay, isto é, perdendo o Imperio uma parte importante do seu territorio, cuja conquista se fizera, ainda em tempos coloniaes, á custa de muito sangue brasileiro, e, para manutenção de cuja posse, a Nação acabava de fazer enormes sacrificios.

Terminou com gloria e proveito nosso? Positivamente, não.

Por um resto de amor-proprio, o imperio do Brazil, senhor duma esquadra que era o inicio dessa marinha tão pranteada, tão recordada e que se tornou lendaria sob o epitheto de *marinha de outr'ora*; esquadra que, se se corôu

algumas vezes com louros de triumpho, duramente colhidos, outras tantas vergou ao peso de desastres que lhe inflingiu um só homem, encarnação dum rudimento de marinha — Brown; o imperio do Brazil, de cujos generaes era impotente o talento para, em definitiva, vencer as gnerrilhas uruguayas que o governo de Buenos-Ayres auxiliára, o imperio do Brazil, por um resto de amor-proprio, diziamos, constitua-se garante da independencia do Uruguay.

Houve gloria e, sobretudo, proveito nosso em trocarmos a posse duma provincia pelo papel de pretensu sustentaculo da sua soberania? Positivamente, não.

Era a conquista dessa posição resultado duma habil politica? Não: era a consequencia duma campanha ineptamente sustentada e dirigida.

Nessa lucta de trez annos, a unica qualidade que pôde resaltar, patenteada pelo commum dos brazileiros da esquadra, foi a bravura; e, de quantas victorias colhemos, quasi todas fôram, unicamente, devidas á prompta iniciativa, ao golpe de vista, ao arranque audaz, ou á superioridade de comprehender e modificar, com opportuidade, instrucções recebidas, que manifestaram poucos dos nossos commandantes: Norton, Greenfell, Senna Pereira, Eyre e Hayden, melhores auxiliares da quasi habil direcção que o almirante Pinto Guedes imprimiu ás operações.

Essa campanha fôra, porém, uma grande escola. Della, saíram os nossos officiaes costumados ao fogo; o estuarió do Prata era tambem para uma esquadra que nelle se movimentasse uma bôa escola de mar, sujeito como é a violentos pampeiros; assim creavamos, e sempre por força do imprevisto «um corpo de excellentes officiaes de marinha, os quaes tanto pela sua pericia em tudo que respeita á profissão naval como pelo seu valor e pratica de guerra adquirida no meio do fogo dos combates, se acham habilitados a prestar os mais relevantes serviços á Nação.»

Já, entretanto, começavam a manifestar-se alguns grandes erros nas administrações navaes, erros que, passados oitenta annos, subsistem e que todas as lições recebidas durante o Imperio e dezeseis annos de Republica não conseguiram estirpar, e, entre os quaes, sobresaía a intervenção politica protegendo incapazes e collocando, nos altos cargos, administradores ineptos e mesquinhos, que se offendem com a linguagem franca dos que apontam defeitos de organização ou faltas de justiça; administradores que, com protecções escandalosas e recompensas injustas, crêam a classe dos medalhães, na marinha, e alimentam esse espirito de rivalidade que sempre

acompanhou os officiaes da armada; não dessa rivalidade nobre que, reconhecendo o merito, procura vencelo por um merito maior, despertando incentivos e produzindo, pela concorrência, o aperfeiçoamento collectivo; mas, sim, essa rivalidade, antes inveja do mediocre pelo superior, que morreria em pouco tempo impotente para occultar o valor, se só valessem, para subir, o preparo e o brio de cada um; administradores de espirito tacanho e acanhadas idéas, para os quaes o subalterno é um méro instrumento de obediencia passiva, base duma disciplina á conde de Lippe, que faz do superior um intangivel, e daquelle, pela desnecessidade do seu talento e da sua iniciativa, um ser inapto e inclinado ao servilismo.

Todos esses males transparecem, claros, evidentes, das correspondencias entre o barão do Rio da Prata e o governo imperial, que medeia de dezembro de 1827 a março de 1828, entre lord Cockrane e os gabinetes de 1823 e 24; da desharmonia entre este almirante e o governo, a proposito da pacificação dos Estados rebellados, no norte; e, posteriormente, em 1835, da substituição dos chefes da repressão da guerra dos cabanos, sobre a qual o almirante Jaceguay assim se exprime: «O governo da regencia, para desculpar-se de não ter enviado tropas opportunamente para sustentar o marechal Rodrigues, substituiu-o pelo brigadeiro Andréa e bem assim o chefe da força naval pelo capitão de fragata Frederico Mariath.

A campanha da Cisplatina fôra a primeira dura lição que, dos acontecimentos, recebia o Imperio. Fazendo-se garante da independencia do Uruguay tendo já por inimigo natural a confederação do Prata, senhor duma esquadra relativamente forte, imposta pelas circumstancias, competia-lhe guardar essa posição de supremacia naval na America do Sul, que, não o talento dos estadistas, occupados ainda com a organização politica do Imperio, mas sim a marcha dos acontecimentos o forçára a tomar.

A lei de 7 de novembro de 1831, decretada pelo governo da regencia, prohibindo terminantemente a importação, como mercadoria, do negro africano no Paiz, vinha ferir de morte um importante e lucrativo ramo de commercio no Brazil. Foi, pois, necessario o emprego da força para que tivesse cumprimento aquella medida. Começou, então, a repressão do trafico de escravos.

No livro dos srs. Jaceguay e Vidal de Oliveira, *Quatro seculos de actividade maritima*, ha um capitulo sobre esse assumpto, e, porque não seja nosso intuito estudal-o, mas sim apresental-o como uma das causas do engrandecimento da nossa marinha de

guerra, pela necessidade em que se viu o governo imperial de socorrer-se della para conseguir a extincção do trafico, querendo assim mostrar que sempre circumstancias indirectas fizeram prosperar a armada nacional, para aqui, honrando nosso trabalho, trasladamos o final daquelle capitulo, que confirma, plenamente, quanto dissemos, representando, como representa, a pura verdade.

«Para o ponto de vista que nos interessa, está fóra de contestação que no trafico de africanos mais que em qualquer outra causa, deve-se buscar origem do desenvolvimento da nossa marinha mercante nessa epocha e bem assim a instrução nautica que, na marinha de guerra produziu tantos habéis officiaes: foi um periodo animado de nosso poder naval». Havia dito antes: «Desde quando o governo brasileiro resolveu pôr termo á importação de africanos, a marinha brasileira de guerra foi empregada na repressão desse commercio, para o que grande numero de seus navios corria a costa em constantes cruzeiros.»

Effectivamente, assim foi: o preparo nautico aos nossos officiaes foi fornecido em grande parte nesses longos cruzeiros de caça aos negreiros, escola rude de privações e perigos. E esse empenho e dever de dar fim ao trafico concorreu, pouco embóra, para o accrescimento do material, conforme expõe em seu relatório, em 1833, o ministro de então, Rodrigues Torres.

Por outro lado, a necessidade do governo central estar em comunicação constante e independente com os das provincias, era causa a que mais forte se colhesse aquelle resultado.

Assim, ainda o accidental auxiliava o engrandecimento da nossa esquadra, que iria de novo, dentro em breve, ter novo campo de exercicio na parte que teria de tomar na pacificação das provincias do Pará, Bahia e Rio Grande do Sul, sob o dominio de rebeliões.

Só na ultima honve, realmente, lucta naval, pois os insurgentes, devido ao genio de Garibaldi, conseguiram orgauisar uma esquadra, modesta sim, mas valorosa, como mostrou no exiguo periodo da sua duração, exterminada, como foi, a 15 de novembro de 1839, no porto da Laguna. Embóra modesta, organizada a principio com elementos tomados á propria esquadilha do governo, na lagôa dos Patos, posteriormente illude, por duas vezes, a vigilancia dos imperiaes e com elles se bate heroicamente, por duas vezes tambem, sendo a ultima, essa do combate da Laguna.

Vejam, porém, rapidamente, no próximo numero dos *Annaes*, o que se fez pela marinha entre a terminação da campanha cisplatina e essa epocha a que attingimos, precipi-

tando a ligeira narração que vimos fazendo.

TONELEIRO.

(*Continúa*)

### PAGINAS ESQUECIDAS

#### O BURRO FLAUTISTA

Sáia bem ou mal,  
Mesmo de repente,  
Lembrou-me esta fabula  
Casualmente.

D'uns verdes prados  
Junto á corrente,  
Passava um burro  
Casualmente.

Alli um pastor,  
Que estava ausente,  
Deixára a flauta  
Casualmente.

Cheirou-a o burro,  
E de repente  
Deu um suspiro  
Casualmente.

Movido o vento  
Como é patente,  
Tocou a flauta  
Casualmente.

«Oh! — disse o burro —  
Que bem sei tocar!  
É a musica asnal  
Não se ha de approvar?»

Sem regras d'arte  
Ha muita gente  
Que diz acertos  
Casualmente.

ROMÃO CREYO.  
1644-1710

\*  
\* \*

#### O SANTO CONDESTAVEL

Em Nun'alvares, a devoção não era contemplativamente mystica: era ardente e activa. Durante as campanhas, a sua existencia dividia-se em duas partes: orar, combater. Combater para cumprir os mandados do céo; orar para que Deus o ajudasse a vencer os inimigos. Alheio ás cogitações mais ou menos morbidas, como verdadeiro filho desta peninsula, onde o realismo e a acção imperam, era inacessível ás tentações, pois tinha a fé espontanea e ingenua. O seu character, feito de decisão, subordinava tudo á vontade; e essa vontade obedecia ao impulso mental das revelações que lhe assaltavam o pensamento. O espirito mystico tonificava-o com a pratica da oração quasi constante. Ouvia missa todos os dias! confessava-se miudamente; commungava quatro vezes no anno: pelo Natal, pela Paschoa, pelo Espirito Santo e pela Assumpção. A' meia noite, quando nas

marchas o arraial dormia, erguia-se elle, e resava.

A comunicação constante em que punha o seu espirito com Deus, quer dizer, com a substancia mais absolutamente bella, bôa e certa das coisas, revelada pelo amor mystico da virgem, no deslumbramento glorioso dos céos entrevistos; esta piedade, bordada de encanto, dava a Nun'alvares uma fé indestructivel em si proprio, e ao mesmo tempo uma caridade inexgotavel para com todos os homens, amigos, inimigos, portuguezes, castelhanos. A sua alma, forte e rija como aço para combater, desabrochava em flôres de carinho, espalhando em volta de si uma ondulação de candura, que enternecia os corações dos pobres, coroando-o já em vida com a aureola de santo. A piedade e o amor, a oração e a caridade, punham-lhe em movimento real e constante a imaginação religiosa, quer nas horas criticas da guerra, quer nos instantes placidos da paz, libertando-o das torturas martyrisantes em que a invocação de Deus e as tentações do Demonio, dualismo da vida, lançavam extenuantemente, com frequencia, as almas mysticas eleitas á santidade, num tempo em que a luz da razão era tenue, e violentos os impulsos naturaes de temperamentos quasi barbaros.

Inaccessível ao medo, com toda a cohorte de sentimentos mesquinhos que são a antithese do heroismo, era inacessível á cubiça, e a toda a série de paixões egoistas, que se oppõem á santidade. Tinha a alma temperada em abnegação, do mesmo modo que tinha o braço temperado em energia. No seu espirito, em que a vontade dominava imperiosa e affirmativa como em nenhum homem, desabrochava o pensamento, candida, santamente formulado por um carinho seductor.

O condestavel era o pae dos humildes e infelizes. De tudo quanto recebia, na partilha dos despojos guerreiros, separava logo o dizimo dos pobres. Todos os annos vestia os nús, em uma das comarcas dos seus dominios. Nunca vendeu trigo; o que encelleirava, gastava-se e dava-se. As sobras da searas juntavam-se para os annos de fome. A ninguem havia de faltar pão! Era a providencia dos necessitados. E durante as treguas, num anno de crise, alargou as distri-

buições de trigo para além da raia : ás benções e acclamações do Alemtejo inteiro, juntaram-se as da Extremadura, em Castella. Para a caridade não ha amigos, nem inimigos : ha, sómente, creaturas de Deus !

OLIVEIRA MARTINS.

\* \* \*

O MACACO DECLAMANDO

Um mono, veudo-se um dia  
Entre brutal multidão,  
Dizem lhe deu na cabeça  
Fazer uma prégação.

Creio que seria o thema  
Indigno de se tratar;  
Mas isso pouco importava,  
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,  
Proferindo á bocca cheia  
Sentenças de quinze arrobas,  
Palavras de legua e meia.

Isto acontece ao poeta,  
Orador, e outros que taes:  
Néscios ! o que entendem menos,  
E' o que celebram mais.

BOCAGE.

\* \* \*

PERIGODE ENTREGAR A EDUCAÇÃO  
DE PRINCIPES A RELIGIOSAS

As virtudes religiosas são mui diversas das reaes, e o que é em um religioso a maior virtude, seria em um rei o maior vicio.

\* \* \*

Do religioso pôde-se esperar que faça bom um homem; mas fazendo um homem bom, pôde fazer um rei máu, porque a bondade que faz bom a um é particular, e a do rei ha de ser universal para todos. Os mestres são os espelhos daquelles a quem ensinam, e como serão nestes espelhos os reflexos reaes, mostrando á purpura o saial, á opa a cogula, e o capello á corôa ? A fórma, que se ha de introduzir, fez semelhante a si a materia. E como seria Affonso Henriques tão grande rei, se não fôsse Egas Moniz, em tudo o mais leigo, tão grande aio ? Que espiritos soberanos e reaes pôde influir um professor de tão differente estado, ainda que seja de grande espirito ? Ensinará o rei a orar, e quando sáia grande resador, para encaminhar o seu reino será cego.

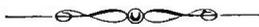
\* \* \*

Inclinal-o-ha como virtuoso a que prefira os virtuosos; e, com isto, sem querer, o metterá nos enganos santos da hypocrisia, agradando-lhe mais um

hypocrita mal vestido que um capitão bem armado. O cavallo troyano foi recebido em procissão dentro dos muros, como voto dos gregos á deusa Pallas, e debaixo desta especie de religião levava dentro o incendio com que arden Troya. Como arbitro da consciencia fal-o-ha muito escrupuloso, mas por isso irresoluto, perdendo em consultas o tempo que se havia de empregar nas execuções, como bem estranhou Tacito no imperador Valente. E isto, acontece aonde falta a resolução, que buscando-se o impossivel de meios que não tenham inconveniente, tudo se teme e nenhuma coisa se faz.

Deixo os daunos, não do habito religioso, senão da obrigação como da magestade. Pelo desejo da paz e desatenção das armas e da guerra; pelo escrupulo da vangloria, o esquecimento da fama; pelo amor e nome da piedade, o perdão ou tolerancia dos delictos; enfim, pelo pensamento unico do céo, perder a terra e ser como o mathematico de Seneca, que não veudo onde punha os pés, porque levava os olhos nas estrellas, caíu na cova. Taes estatuas são como dizem os politicos, (e estatuas sómente) as que se pôdem fabricar, e saír das officinas claustraes; e no cabo de muita lima ou fundição, quando a republica ha mistér um grande rei, achar-se-ha, quando muito, com um beato.

PADRE ANTONIO VIEIRA.



Com o seguinte artigo, conclúe o longo trabalho do sr. Deiró, iniciado no numero 38 dos *Annaes*, a proposito de umas recentes publicações do sr. Paranapiacaba.

MAZEPPA, GIAUR, PARISINA

—

*Poemetos de lord Byron, vertidos para versos portuguezes pelo barão de Paranapiacaba.*

IV

Sentimos não poder transcrever aqui e notar certas bellezas, principalmente as energias, o fulgor das imagens, as alternativas patheticas, que são, no poema, scenas rapidas; bellezas, que transluzem quer no original, quer na versão.

Byron ostenta-se pujante e inspirado; o traductor, on pela *harmonia preestabelecida entre as duas naturezas*, (1) ou calculadamente, corresponde á opulencia do original, com versos duma estrutura marmorea, duma elegancia

e sonoridade, que mettem inveja á decantada escola dos parnasianos.

Scisma-se que o traductor de *Parisina* é da raça daquelles artistas famosos, que, com o cinzel, têm a força creadora de transformar a materia bruta, inerte, em creatura vivente, animada e bella. (2)

O poeta brasileiro não é um simples traductor, nem escravizado copista; serve-se admiravelmente da idéa creada para imprimir iupetos á sua imaginação, de sorte que, analysando-se a expressão do mesmo sentimento, empregada por ambos os improvisadores, verifica-se que o traductor possúe a mesma originalidade, elevação e tom de harmonia. Observa-se que a maneira, pela qual o improvisador brasileiro exprime o sentimento da dôr, elemento essencial nas creações do poeta inglez, é inteiramente identica.

No espirito conturbado do maldito Caim da raça ingleza, a alegria passa celere, qual subita scintillação do relampago. Precito, quasi conformado com o seu destino, Byron habituou-se á dôr e á colera, em que repassa e embebe a sua inspiração, ora satauic, ora subliue. Elle aceitou o papel dum reprob; o soffrer é o seu fadario; até parece ser a sua grandeza.

*Rien ne nous rend si grands qu'une douleur...* Causa-lhe delicia o horror. Sua musa é feróz e gemebunda.

Lêde, si fôr possivel, lêde todos os poetas, não achareis outro extremado cultor das agonias do coração, como foi o cantor de *Giaur*. Os personagens de sua imaginação encarnam em si gestos, sentimentos, actos crueis, que torturam infelizes...

Devem-se, para bem aquilatar as vibrações d'alma dum poeta, verificar as affeições que são habituaes e inseparaveis de sua existencia; affeições, que são a substancia de sua natureza.

Notais em Lamartine a melancolia; em Molière, a veia comica; em Camões, a tristeza; em Leopardi, a afflicção; em Racine, a maviosidade; em Corneille, a energia; em Virgilio, as reminiscencias saudosas, etc. Ora, si analysardes, achareis o sentimento predominante, reflectindo-se em suas obras. Em Byron, avultam a dôr e o desespero: delles, origina-se a inspiração dos poemas. E porque? Essa interrogação remonta-se ás circumstancias de sua vida agitada e amargurada.

Byron, no albor da idade, publica as primeiras poesias, que compôz: é vilmente ridiculisado. Tomando assento na camara dos pares de Inglaterra, conta-se que nenhum lord se lhe aproxima, nem o saúda. Entrou e saíu dalli como uma sombra. (3)

Desde a infancia, viven em afflictiva lucta no lar materno. Na adolescencia, passou por acerbas tristezas; as amantes o abandonaram com despreso. Casou-se e miss Milbank, sua esposa,

o repelle e detesta. A Inglaterra, sua patria, o proscree e condemna o seu nome. Viu-se coagido a romper com a sociedade da terra natal e viver como exul em paizes estranhos — errante e sem repouso. Ora, esta alma nutriu-se de dôr, de fel, de amargura, de descrença e impiedade.

Taes sentimentos, íntimos e perennes, eram caros ao coração do poeta, inspiravam-lhe os poemas do *Corsario* e reflectiam-se na agonia lenta e horrível de *Lara*; no horror de *Giaur*, gemebundo na soidão desesperadora do claustro, nas ironias ferózes de *D. Juan*. Emfim, o canto é psalmo de agonia immensa e profunda. Notai como esta agonia, unida do amor do coração paterno, é intensa no terceiro canto do *Child-Harold*, nos versos, com que Byron abre e fecha aquellas paginas admiraveis, quicá das mais bellas, escriptas por mão humana. Sentireis pela dôr, a ressumbrar em cada estrophe, que o seu soffrimento é inextinguível.

Esse soffrimento vem repassado da saudade, *doce amargo de infelizes*, que se infiltra na alma dos ausentes. Nas horas de suprema tristeza, o poeta, que é pae, sente o remorso dilacerar-lhe, uma por uma, as fibras do coração ulcerado. No terceiro canto de *Child Harold*, envia Byron alguns versos á sua fillinha — *Ada* — unica, que houvera do casamento com miss Milbank. Separado de ambas, foi morrer de febre palustre, em Missolonghi, quando se preparava a combater em pró da independencia da Grecia e libertal-a da tyraunía mussulmana.

A dôr e o desespero, que inspiram o genio de Byron, fornecem fecundissimos assumptos num estudo desta ordem.

Actuam-lhe sobre a alma como fonte de inspiração; fatigam, mas não se extinguem.

O poeta canta suas endeixas e se consola. Irrita-se e amaldiçoa as hypocrisias da Inglaterra; todavia, continuá a amar a patria, que o expelliu e como que o exilou.

A dôr é um phenomeno, que destróe o organismo; em Byron, porém, parece avigoral-o e exaltal-o. Estudando a natureza excepcional do cantor de *Giaur*, se lhe nota uma série de phenomenos psychicos imprevistos e, muitas vezes, inexplicaveis: a sensação, que é um vehiculo, prodúz, segundo a expressão technica, — uma tendencia negativa — quando gera soffrimento, e outra tendencia affirmativa — quando causa prazer. (4)

A dôr, que influa em Byron, era de tendencia affirmativa. Em vez de diminuir-lhe as forças, ella as augmentava, como que lhe prolongando a vida. Era para o poeta um gôso, manancial de emoções voluptuosas.

A dôr não lhe torturava o coração.

Desesperando-lhe o espirito, dava-lhe accentos duma harmonia nunca ouvida, nem escutada na vóz dos outros cantores. Byron amava a dôr, sentia-lhe os deleites nas commoções dos desesperos. Só assim podemos explicar o genio doloroso e desesperado do cantor de *Giaur* e de *Mazeppa*.

A dôr era a substancia de sua natureza; a acção que lhe agitava e movia o pensamento e a vontade. A ternura, a compaixão, a amizade, a misericordia, a caridade e outros sentimentos, que engrandecem a alma humana, não encontram nas cordas da harpa desse Job proscripto, nenhum accento.

Entretanto, o cantor de *Parisina* e da *Fiancée d'Abydos* era um magnifico artista, que, com a mente accesa do lumé dos idéaes, amava, adorando o bello, qual mysterio sacrosanto.

Ora, os artistas e poetas são almas religiosas, que téem fé e crença.

Nessas almas, a dôr e o desespero não perduram; não excluem os outros sentimentos. O desespero e a dôr passam por aquellas almas como um raio, que devasta, abraza e, subito, se extingue; mas em Byron havia como que uma excepção á regra dominante.

Notaremos no grande poeta a tenacidade do character, o orgulho de manter-se firme na postura, uma vez tomada, quer fosse bôa, quer má, perigosa, ou prejudicial. Não recuava e, por isso, perseverou no erro, no mal e nos desregramentos que lhe cercavam o nome de escandalos e aleivosias. A mysanthropia, que jámais o deixou, pôde ser attribuida ás causas que apontámos e egualmente aos amores deluzos, á colera, ao asco, que o confrangiam, vendo as ambições, contemplando as hypocrisias, a moral formalistica da sociedade ingleza, que elle desprou e cobriu de sarcasmos. Nunca mais, Byron quiz reconciliar-se com a sociedade ingleza, que profundamente detestou sempre.

Tenho relido, desde longos annos, innumeradas paginas, que diversos escriptores, criticos severos, ou admiradores fanaticos, publicaram a respeito de Byron, como homem e como poeta, que abriu era nova em todas as litteraturas.

Notei que nenhum toca em certos pontos da natureza moral e intellectual do nobre par de Inglaterra; por isso, pareceu-me que — *o poeta e homem ainda não fóram cabalmente estudados*; por conseguinte, não se pôde afirmar que Byron já está definitivamente julgado e consagrado. Elle é como um livro fechado e lido; nada mais ha que ler... Não; ao contrario, ha paginas ainda por decifrar.

Byron não está julgado; é conhecido, exageradamente desacreditado, ou encomiado por doutos e rudes. Com toda a razão, um notavel critico es-

creve: — «*Byron est un de ces hommes qui peuvent gagner quelque chose à être souvent rejugés. Au point de vue de la stricte morale, il y a peu de chose à dire en sa faveur; il y en a beaucoup au psychologique. Il a volontairement perverti les dons les plus merveilleux de la nature; il se fait mauvais et petit quand Dieu l'avait fait grand et bon.*

*C'est pour celá que l'étude d'un tel caractère est encore nécessaire, s'il eut obéi par une pente invencible aux mauvais instincts de sa nature; s'il eut cédé à tous les caprices de la fortune, s'il eut été ballotté à tous les vents; il faut savoir si la Providence se fut jouée de la pauvre espèce humaine en mettant un si grand génie dans un vase si fragile. Loin de lá, Byron est une riche et puissante nature, pétrie de toutes les grandeurs et de toutes les faiblesses de l'humanité, etc.»*

Está nos entrando pelos olhos que tanto o homem quanto o poeta, não fóram bem analysados sob os pontos de vista psychologico e ethico. Assim, pôr de parte as obras, não fallar mais de Byron, porque está fora da *moda* e reputal-o, definitivamente, julgado e consagrado, pôde ser a opinião dos conventiculos litterarios, cuja auctoridade é nulla e irrisoria, mas de certo, não será aceita nem acatada pelos espiritos independentes e esclarecidos. A *moda* varia com os gostos e caprichos de cada hora e sómente exerce absoluta auctoridade em espiritos ôcos e vãos. Os pensadores, homens de estudo meditado, desdenham das tolices com que a *moda* illude os levianos.

Notemos que muitos aspectos da natureza intellectual e moral do poeta inglez téem sido inteiramente desprezados, tanto pelos criticos intolerantes quanto pelos admiradores fanaticos.

Indicaremos, ao acaso, alguns: porque Byron abandona a sociedade, não só da Inglaterra, mas de outros paizes e condemnou-se a perpetuo e ininterrupto insulamento, estando na florescencia da idade, quando, segundo a lei imperiosa da natureza, as paixões impellem o homem aos gosos da vida social? Que havia em Byron, para dar-lhe forças a realizar a violação daquella lei, para manter um acto verdadeiramente extraordinario, opposto á natureza moral do homem? E' um phenomeno social predominante e que encerra essa lei — a amar o homem á sociedade, os prazeres, as alegrias, as ambições. O homem deseja muito obter applausos, admiração; tem o orgulho dos triumphos; assim, tudo isso deveria empecer que o poeta se exilasse; não obstante, elle rompeu por todos os estorvos e collocou-se fóra, on acima das condições normaes da vida humana.

Nenhum critico, ou moralista, occupou-se com essa parte do character do

lord poeta; entretanto, a critica tem discutido e apurado um enxame de puerilidades, deixando á margem questões importantes.

Todos, porém, proclamam que Byron possuía uma natureza amorosa, meiga, carinhosa, quasi feminil; até escreveu aquelle poemeto — *The Dream* — no qual se póde ver que o seu temperamento era amalgamado de elementos contrarios ao papel que, depois, representou. Como induzir delles a possibilidade de creações do genero do *D. Juan*, *Giaur*, *Lara*, etc.? A versão do sr. barão de Paranapiacaba suscita outras questões, cujas soluções não apparecem nas analyses da critica, quer litteraria, quer moral, ou scientifica.

Byron infundiu nas calidas e vaporosas estrophes de seus poemas, os effluvios intimos d'alma, as susceptibilidades da consciencia, assim como lançou nas amarguras, nas coleras e nas perversidades de *D. Juan*, todas as miserias da abjecção que avilta os caracteres.

E', porém, uma realidade que, apesar de todas as suas extravagancias e aberrações, Byron foi o cantor dos grandes sentimentos; foi o semi-deus das harmonias; foi sua predilecção inspirar-se, principalmente, no desespero e na dôr.

Não sabemos porque estes dois sentimentos se coadunavam com a sua natureza.

As almas dos poetas, feridas pelo raio, curvam-se, estortegam-se e padecem, mas erguem-se, reanimadas pela omnipotencia do genio, cantam de novo as grandezas e sublimidades da epopéa da criação do Universo.

O destino, infelizmente, não permittiu a Byron recommençar a sua augusta missão, sob nova fórma.

Embóra esta missão tivesse ficado incompleta, o seu genio ha de sempre ser admirado, emquanto o pensamento fôr o arbitro da eterna belleza; emquanto honrar os nomes de Eschylo, de Virgilio, de Shakespeare ou de Goethe.

Si algumas paginas de seus poemas caírem, crestadas pelo sôpro destruidor dos seculos, outras refulgirão, cada vez mais bellas e admiraveis emquanto a humanidade comprehender e amar as sublimes creações da poesia.

Não podendo indicar todas as bellas passagens dos poemas, apontaremos algumas, v. g. no *Corsario*, o segundo canto, a entrevista de *Conrado* e *Gulnare*, a morte lenta, dolorosa, deserrada e horrivel de *Lara*, os lamentos de *Bonnicard*, o supplicio de *Mazeppa*, diversas passagens de *D. Juan*, de *Manfredo*, o dialogo do heróe com a feiticeira dos Alpes, a apparição d'*Astarté* no *Jungfrau*, a *Parisina*, o *Giaur*, que o sr. barão de Paranapiacaba trasladou para versos portuguezes. No

terceiro canto de *Child-Harold*, serão eternos os versos dedicados á filha *Ada*. Não perecerão tambem as seguintes poesias — a vespera de Waterloo; a invocação do Oceano. Todas são paginas esplendidas; de certo, nenhuma litteratura as apresenta melhores, nem, talvez, eguaes.

Traduzimos, aqui, a invocação ao Oceano, para dar uma amostra a alguns leitores, que não leram os livros de Byron e para, terminando este artigo, indemnizal-os da paciencia, que gastaram supportando as paginas que escrevi. Todavia, si os leitores fôrem sinceros e de bôa fé, confessarão que, nestas paginas, acharam, resumido, um estudo sobre o prodigioso cantor inglez — estudo, que sómente fariam, compulsando numerosos volumes. Reconhecerão que lhes fiz o serviço de poupar-lhes trabalho fatigante.

Escreve um critico:—que importa a Byron o lago immovel, espellio do céu, symbolo da pureza, segundo a phrase dos *lakistas*? O que elle quer é elevar-se á região onde se accumulau e se condensam as procellas; donde se precipitam cascatas; donde bramem trovões; donde caem lentamente neveiros... Um instincto o impelle para as alturas. Elle não fica parado sinão no ultimo pincaro, quando vê a seus pés vasto lençol de nuvens, ou um calos de elevadas cumiadas, que se assemelham ao revolto mar... Quando Byron desce dos altos Alpes, quando deixa de respirar o ar subtil e paira nas eminencias, toma banho de brizas vivificantes do Oceano».

As palavras que citamos do critico, sem duvida, prepararam os leitores a bem escutar e comprehender a apostrophe, que ainda é soberba na pobreza da minha desbotada traducção.

Poderemos dizer que, jámais, desde que o rutilo e vivissimo lençol se estende por sobre a immensidade, acariciando os longinquos promontorios e ciugindo os archipelagos com argenteo cinto, jámais algum poeta soube exprimir, como lord Byron, a fascinação das ondas tranquilladas ou tumultuosas, murmurantes, ou rugidoras... Jámais, desde que o Oceano carcome as praias, a magestade de suas pujantes coleras actou tão digno interprete!...

No quarto canto de *Child-Harold*, brada Byron:

Que são esses pezados Leviathans de madeira, essas temerosas esquadras, que fulminam as cidades edificadas sobre rochas; apavoram as nações e fazem tremer os reis em suas capitaes?

Que são ellas, sinão ludibrio para ti, Oceano?!

«Tu varres, como flócos de espuma, o orgulho das armadas, os fragmentos dos destroços de Trafalgar!...

«Dez mil frotas te sulcam, sem que guardes os vestigios da sua passagem...»

«O homem, que cobre de ruinas a terra, vê seu poder estancar nullificado ás tuas bordas!.

«Tuas praias são imperios; os povos por ali passam da liberdade á escravidão... Tudo ali se transfórma: só tu, não!.

«O tempo não cava rugas em tua cerulea fronte.

«Tal te viu a aurora da criação, qual hoje te desenrolas a nossos olhos, — imagem da Eternidade, glorioso espelho, onde se reflecte a face divina tanto na calma, como no bulcão da tempestade; tanto nos turbilhões das vagas flammigeras, quanto nas gelidas aguas do pólo. . .»

Nesta apostrophe, o poeta manifesta a energica emoção de seu espirito deante da grandeza e da terrivel magestade do Oceano.

Nesse mesmo poema, outros trechos mereciam ser traduzidos. O sr. barão de Paranapiacaba completaria muito bem o seu trabalho litterario, vertendo, em primorosos versos, o poemeto de *Child-Harold*, que é igual em belleza aos outros que traduziu.

O illustrado barão poderá enricar a sua versão com um estudo acerca do poeta de sua predilecção, sob todos os pontos de vista, não só litterario e poetico, mas a respeito dos problemas physio-psychologicos, que o genio de Byron suggere e nós acabamos de indical-os ligeiramente.

Só intelligencias da categoria da mentalidade do sr. barão de Paranapiacaba reúnem cultura, actividade e audacias, para bem interpretar as obras dum poeta de primeira ordem, como o vate inglez.

E' o caso de repetir os versos de Felinto Elysio:

*Poetas por poetas sejam lidos;  
Poetas por poetas entendidos.*

Para traductor tão eximio, a litteratura não é méro e frivolo recreio; pelo contrario, é fecundo labor, em que emprega grandes aptidões.

O traductor de Byron, nome já tantas vezes proclamado e laureado nos certames litterarios, é obreiro intellectual sempre infatigavel e notavel pela perfeição e valor de suas producções.

Elle tem o dom de infundir nas traducções, o sôpro creador da inspiração original; comprehende-lhe a força dos sentimentos, a belleza das idéas, reproduzindo-as em primorosas fórmas.

Em verdade, a litteratura é um grande emprego das faculdades intellectuaes; exige penetrante curiosidade, educação esthetica e scientifica, alto bom senso e muita actividade; não é tarefa para espiritos lérdos, ou — *descansados*. (5) A série de questões, que examina, evidentemente

mostra que a litteratura é — a *psychologia e a sociologia em acção*.

De feito, estuda o poeta, ou escriptor nas multiplas manifestações do seu *Eu*, e na expressão verbal, imaginosa, em que traduz a vida, os sentimentos, instinctos, costumes e idéas da sociedade que repretam.

Eis ali porque o estudo da litteratura abrange todos os seculos e tem occupado o espirito humano seriamente

O genio de Byron, profundo e vasto, como o infinito, rivalisa em magnificencias com tudo o que ha de mais poderoso debaixo do céu. Nos tempos modernos, nenhum poeta conquistou admiração e universaes applausos, como elle.

Desde os povos cultos, que marcham á frente da civilisação moderna, até os retardatarios, a fama proclama a grandeza eschyliana, a inspiração sublime do seu genio.

Entre os privilegiados e soberanos representantes do espirito humano, cabe-lhe um eminente logar, talvez dos mais gloriosos.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Theoria phil. de Leibnitz.

(2) Georgio Vasari — Vies des meilleurs peintres, sculpteurs et architectes; tradução franceza do italiano.

(3) Life of lord Byron.

(4) *La Thechnique de la Psychologie Experimentale*, par le docteur Toulouse, medecin directeur du Labor. des esc. des Hauts Etud.

(5) Expressão christosa do padre Bos, no prologo de sua excellente versão da *Imitação de Christo*, a mais notavel na lingua portugueza.

## AGONIAS E RESURREIÇÕES

Acabo de ler, com este titulo, uma collecção de versos de Luiz Pistarini, e sinto um grande prazer em dar, nestas columnas, com franqueza e sinceridade, as impressões que me ficaram da leitura.

A nota que acompanhou a collecção muito pouco me adeanta quanto ao genero e á variedade e mesmo quanto á ordem das producções classificadas: bem que poderiam ficar todas sem mais indicação que o titulo respectivo. Quer *Agonias e resurreições*, que deu nome á collecção, quer *Musa irrequieta*, quer *D. Aurea*, ou *Kalleidoscopio*, quer, emfim, *Gerusa* — comprehendem cantos em que rescende a mesma poesia, como pedaços que são da mesma alma.

Em summa, eu poderia limitar-me a dizer que Pistarini é um lyrico, e exclusivamente um lyrico. Para elle, só ha um assumpto digno de ser cantado, uma só emoção de que se deve viver. De principio a fim, a gente lê

este poeta, como si discreteasse familiarmente com um coração ferido da bemaventurosa doença dos antigos bardos, daquellas almas que faziam da *missão* de amar, de amar só na vida, uma como heroica e doce *cavallaria* de corações. Como a delles, a musa de Pistarini só vê no mundo uma verdade, só ama uma belleza, só sente uma delicia, só applaude um heroismo e canta uma victoria — mysterioso e ufano a marchar para o unico destino que reconhece, adorando numa só divindade: o Amor.

Luiz Pistarini não podia deixar de ser o poeta que é com a alma que tem, portanto. Mais ainda quando o leio do que quando o vejo, com ares de asceta, de olhos sempre vagos, parados para o mundo, como si mais andassem vendo para dentro que para fóra das orbitas; com essa hieratica serenidade de semblante no qual se decifram bemaventuranças a triumphar e a rir das dôres, das pequenas dôres e das angustias pequenas que passam: mais ainda quando o leio, digo, sinto que ha não sei que a fazer-me ver na sua figura uma diaphaneidade de olhares que buscam eternamente olhares desaparecidos, uma impalpabilidade de sylpho que vive doido—afflicto no seu afan (mas afan só interior) afan de aproveitar a vida, a grande vida mysteriosa e sagrada, como si ella estivesse mesmo por aqui de passagem, numa solemne compuncção de penitencia.

Quizera eu saber si Pistarini não tem ciúmes do mundo que traz no coração...

Dahi... quem sabe lá si elle nem se apercebe dos prodigios que é capaz de operar a divindade que adora... Porque, afinal, o que é certo é que Pistarini tem alguma coisa, não digo só de original, mas de estranha! Pois, num tempo em que todo o mundo anda atropellado de vertigens, sem descanso de instante para sentir harmonias no meio desta desordem e sem coragem de olhar para os lados com medo de ver os duendes que apavoraram todas as almas — pois não é estranho ver passar este moço como esphynges para todo o mundo (egresso — dir-se-ia — do reino da dôr como Alighieri) e, no emtanto, a parecer que o coração lhe brinca no peito, como si fóra uma criança no meio de um jar-

dim, sob manhã radiosa, a sorrir para as flôres, ebrio da claridade, a correr para as borboletas, a compor de tantos incidentes fugazes, de tantas surpresas, de tão variadas futilidades, o formoso universo dos que se enebriam do seu idéal...

Póde ser que elle não tenha ciúmes do mundo que traz consigo; mas eu é que lhe invejo essa doce... illusão (que seja!) illusão santa, que é segredo da arte suprema, a arte dos que idealisam a dôr e abençoam o castigo — esmolos divinas caídas do céu.

Na collecção inédita, (devo a mim mesmo e a elle esta franqueza) já se sente uma grande distancia da idade do *Bandolim*. Neste, que foi o primeiro volume de versos do poeta rezendense, ajuda o estro ás vezes lhe vacilla. Os versos, aliás, já são fluentes, espontaneos; mas a fórmula nem sempre é correcta. E isto, além de outros pequenos senões que um exigente assignalaria numa ou noutra producção.

Nestas *Agonias e resurreições*, que acabo de ler, o poeta vae seguro e quasi sempre senhor da lyra. Como eu me comprometti a dizer tudo que sinto, observarei apenas uma certa monotonia nas canções. Parece que o cantor jurou que ha de soffrer e definir apertado num circulo em que o estro se lhe debate em ancia desesperada... Como desejára eu que Pistarini espairecesse um pouco, saíndo dalli!... Bem entendido: *saíndo*, não é direito: não quero dizer que abandonasse o genero lyrico. Elle não será jámais outro poeta. Mas porque, sem sair dalli, não ha de alargar o circulo em que anda constrangido a musa doente? Os dominios do Amor são vastos como o universo. E porque então Pistarini, que é inspirado e tem talento, não ha de procurar nesse universo a amplitude de outras estancias, a luz do mesmo sol, mas vista através de outros prismas? Porque não ha de ver aspectos novos, fulgurações estranhas, ao menos modalidades varias na emoção de que vive?

Pois é isto o que eu não podia terminar sem dizer a Luiz Pistarini, para pôr no fim esta esperanza de vel-o, em breve, tomando o seu posto entre os primeiros poetas desta geração.

ROCHA POMBO.

## SOLILOQUIO DE UMA PALMEIRA

Muda e só, em redor mirando a calma  
Planície que se perde no horisonte,  
Sentindo o vento nivar de palma em palma,  
Em vão me agito no alto deste monte.

Ironia do azár faz que eu levante,  
Em frente a tanta seiva e a tanta vida,  
Melancolicamente murmurante,  
Minha verde cabeça colorida,

Acima deste campo e destas flores,  
E destaque o meu talhe nos espaços,  
Entregue aos ventos acalentadores  
Que cantam no meu seio e nos meus braços.

Ora ao vívido sol abrindo as franças  
Insaciáveis de vida e refulgencia ;  
Ora ás caricias álgidas e mansas  
Dando-as da lua, em curvas de indolencia ;

Ha seculos habito esta collina,  
Mas esta natureza rica e vasta,  
Que o meu cabello altivago domina,  
Sempre e cada vez mais de si me afasta.

Em vão a minha trança se desata  
Em fôfas folhas e franjadas fitas,  
E, alta, vacillo á luz do luar de prata,  
Sonhando em outras plagas infinitas.

Ninguem ha que ouça a minha queixa e a minha  
Eterna desventura sem remedio,  
Esta dôr de quem vive e não caminha,  
Presada da solidão, presa do tedio.

Antes pudesse andar, pudesse tudo  
Ouvir, e ver, e contemplar mais perto,  
Abandonando o desespero mudo  
Que me causa este intérmimo deserto !

Os thesouros de affecto e de ternura,  
Os sonhos cheios de melancolia,  
Não os póde exprimir minh'alma pura,  
Ou sentil-os a natureza fria.

Quer seja dia, e o sol a luz derrame,  
Que toda a seiva e toda a vida encerra,  
Lá a natureza inteira arda e se inflamme  
Assistindo a fecundação da Terra ;

Quer venha a noite socegar os campos  
Banhando-os no luar, serenamente ;  
Ou palpite o fulgor dos pyrilampos  
E dos astros o brilho intermittente ;

Nunca o bem dum carinho ou duma prece  
Perpassa entre o rumor das minhas palmas,  
Como se tudo em torno não soubesse  
Que eu tenho uma alma igual ás outras almas.

O que me cerca, e sinto, e vejo, e escuto,  
Da altura verdejante deste cimo,  
Tudo em redor de mim, de olhar enxuto,  
Por mais que soffra, tem consolo e arrimo.

Abrem-se as flôres pela primavera  
Ao sol que as embelleza com mil côres :  
Jámais alguma muito tempo espera  
Ver-se amada, ou reunida ás outras flôres.

O mar, soturno, geme o anno inteiro,  
Mas muitas vezes, pela noite morta,  
Ouve a suave canção de um marinheiro,  
Que o acalma, e em doces scisumas o transporta.

Tambem o valle é despovoado e triste,  
Mas quebrando o silencio que o rodeia,  
Embalando-o tremulamente, existe,  
A vóz de um rio de ternura cheia.

A mim, porém, a solidão assombra :  
Nem o canto de um poeta, nem o canto  
De uma virgem sentada á minha sombra,  
Nem a abafada vóz de um hymno santo !

A cantiga dos passaros errantes,  
Dentro da minha trança solta ao vento,  
Não toma parte em minhas magoas, antes  
Evoca outra tristeza, outro tormento.

Ah ! nestas horas em que mais me aperta  
O frio do abandono que me opprime,  
Julgo que sou nesta amplidão deserta  
A victima de algum ignoto crime.

Talvez, num dia de pezar profundo,  
Escolheu-me na flóra a natureza,  
Para que eu fôsse no esplendor do mundo  
Um commentario eterno de tristeza.

1905.

OCTAVIO AUGUSTO.

## REDONDILHAS

## I) Trova

Eu quiz tentar fórmulas novas,  
Foi mais ou menos em vão;  
Volto agóra ás velhas trovas,  
Nellas falla o coração..

## II) Cantiga

Dá-me a tua vóz amena  
Para eu cantar meu enlevo,  
Ave que me dêste a penna  
Com que meus versos escrevo.

## Volta

Já que uma mercê se obteve,  
Logo outra mercê se implora;  
Tu me dêste a penna leve,  
Dá-me agóra a vóz sonora.  
Quero a tua vóz amena  
Para cantar meu enlevo,  
Ave que me dêste a penna  
Com que meus versos escrevo.

## III) Mote

A agua deslisa dos prantos.  
Sopra o vento dos suspiros.

## Volta

Tenho na alma dois moinhos,  
Um é de agua, o outro é de vento:  
Ambos, juntos e visinhos,  
Estão sempre em movimento.  
E vão dando giros tantos  
E vão dando tantos giros:  
Móem o primeiro os meus prantos  
E o segundo os meus suspiros.

## IV) Esparsa.

Ha no peito humano um sino  
Como na torre da igreja,  
Vibrando um som argentino  
Que nos espaços adeja.  
Bate o sino brandamente  
Cá no peito e lá na torre:  
Um, enquanto vive a gente,  
O outro, quando a gente morre.

1905.

JOSÉ D'ABREU ALBANO.

## O ALMIRANTE (41)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XVIII

Sob as chispas ameaçadoras de um olhar de Dolores, Souza e Mello indicava, com largo gesto de triumphante sarcasmo, a figura de Gião, burguez grotesco, ainda não domesticado ao jugo da sobrecasaca, á gargalheira da gravata e aos apertos de umas botinas grossas, verdadeiro supplicio infligido á sua vaidade pela nova posição na sociedade.

— Quem sou eu? — observou Gião, a se contorcer afflicto dentro daquellas roupas novas e limpando com um enorme lenço vermelho o suor que lhe porejava copioso do rosto apoplectico — Quem sou eu? Tamanhas honrarias não são para o filho de meu pae, que Deus haja. O sr. dr. está caçoando commigo.

— Não pense que o amesquinho — tornou Souza e Mello — A quadra é dos militares e não seria de mais que o illustre tenente-coronel, homem feito pelos merecimentos pessoaes, pela fortuna, comparecesse a uma festa delles, dos senhores absolutos desta infeliz terra. A Republica é isto.

— Não ha duvida — atalhou Sergio de Lima, que conversava com Hortencia — A democracia franquêa caminho a todas as aspirações legitimas, nivela todos os cidadãos pelos merecimentos, pelas virtudes, abolindo privilegios e estabelecendo a egualdade. Não é, portanto, de estranhar que o amigo Gião, homem feito pelo proprio esforço, pelo trabalho honrado, fizesse jús aos galões da Guarda Nacional.

— E diz vossa senhoria muito bem — confirmou Gião — A minha patente e os meus galões custaram o suor do meu rosto. Quanto a honradez, aqui a patrôa que o diga, que mencione os annos que servi ao defunto senhor marquez, que Deus tenha em gloria, e mais a sua excellencia, trabalhando como um moiro, sem noite nem dia, para ganhar o meu pão. Verdade seja que nada tenho a dizer. Tenho aqui dentro do coração esses patrões e por elles seria capaz de sacrificar a vida, porque quem me fizer tanto assim, tem amigo para a vida e para a morte. A senhora marqueira bem sabe que não digo as coisas dos dentes para fóra. Tenho o coração nos grogomilhos e aquillo que sinto, vou logo desembuchando.

— Muito bem — exclamou Souza e Mello — Você, Gião, é a gloria da Guarda Nacional republicana.

— Vossa senhoria é quem o diz — concluiu Gião, com uma reverencia. Agóra, vossas excellencias hão de permittir que eu vá descançar, que venho moido do caminho de ferro.

— Vá — disse a marqueira — vá ter com Sebastião, que lhe preparará um commodo. Já estive com elle?

— Ainda não lhe puz em cima os olhos. Como se tem dado vossa excellencia com o meu substituto?

— Muito bem. E' um excellente homem.

— Basta ser meu primo. Aquillo é de familia: fiel como um cão, forte como um burro no trabalho.

Quando Gião se retirava, recuando em mesuras, deu com Oscar, que entrava.

— Olha o senhor Oscar! — exclamou elle, numa alegre expansão de surpresa.

— Como váe? — respondeu-lhe Oscar, batendo-lhe carinhosamente no hombro.

— Ha quanto tempo... Estou ficando velho, não ha duvida. Como está mudado o menino Oscar, um pirralho que eu conheci outro dia a brincar na chacara, a montar nos cavallos, a me atrapaihar o serviço. Que bons tempos! Olhe que o senhor era mesmo levado da bréca, trazia-me num cortado. Tambem já lá vão tantos annos. Metti-me na roça; o senhor andou pela Europa e, agóra, topamos um com outro, ambos velhos.

— Cumprimente, meu caro Oscar — atalhou o implacavel Souza e Mello — ali onde o vê, o tenente-coronel Gião... Dolores não gosta que pilheriemos com esse prestigio da Republica para improvisar homens de Estado, generaes e officiaes da Guarda Nacional.

— Sempre foi assim — murmurou Oscar, sorrindo e lançando um olhar consolador ao Gião, que começava a impacientar-se com as farpas da ironia do feróz advogado.

Havia no semblante de Oscar uns traços de fadiga, que se fixavam, se acentuavam quando elle voltava extenuado do trabalho na secretaria. Elle estudava um plano de organização naval, de accordo com as idéas modernas, para dotar o Brazil com uma esquadra inteiramente diversa dos velhos moldes coloniaes, educando officiaes capazes de se adaptarem ás conquistas da arte da guerra. Estavamos, como potencia militar da America do Sul, estiolando as nossas energias á sombra dos louros conquistados na guerra do Paraguay. *Riachuelo*, *Augustura* e outros feitos gloriosos figuravam nas paginas da nossa historia como velhas lições, experiencias gloriosas que não poderiam ser aproveitadas no presente. E a esse empenho elle consagrava todos os seus esforços de professional operoso, indifferente á politica, procurando aproveitar as vantagens da opportunidade excepcional para o engrandecimento da marinha.

Com muita razão se queixava a marqueira de que Oscar já lhe não per-

tencia, tanto o excesso de trabalho influíra para lhe modificar o character, mesmo nas relações mais intimas e affectuosas. Ella o reputava demasiado dedicado ao governo, mais talvez do que ella julgava necessario para conquistar a preponderancia que faria d'elle o instrumento da realização do seu sonho, da sua idéa fixa de restituir a Izabel, a Redemptora, o throno do Brazil.

Os grandes olhos de Dolores se fixaram em Oscar e acompanhavam os seus movimentos, as suas maneiras discretas, quando beijou a mão da marqueira, quando retribuiu as saudações do conselheiro, de d. Eugenia, do Sergio de Lima e se aproximou de Hortencia, que o recebia de braços abertos numa attitude de ingenua ternura.

— Magnificos os *bonbons* — disse-lhe Hortencia, sorrindo.

— Oscar nos considera sempre meninas — observou Amelia, com um ligeiro tom de remoque.

E' que vocês — respondeu Oscar, com meiguice — não envelhecem para o meu coração; o tempo não corre para os nossos affectos e, assim, chegaremos ao idéal de perpetuar o nosso sonho da infancia, a illusão da eterna mocidade das nossas almas.

— Felizes — interrompeu o conselheiro — aquelles que se pôdem preservar das intemperies do tempo.

— V ex. é um desses — ponderou Souza e Mello.

— Tem razão — affirmou d. Eugenia — Para mim, se me figura que estamos sempre na lua de mel. Eu não experimentei ainda a sensação de velhice. Os nossos filhos parece permaneceram na infancia.

A conversação se generalizou sobre as novidades, os acontecimentos mais notaveis da vida carióca, ainda abalada pela agitação revolucionaria. Na opinião de Souza e Mello, os radicaes não se consolavam de haver triumphado com um levante incruento. Não era apropriada aos seus pulmões a atmosphera serena da paz. Elles necessitavam de turvar as aguas para chegarem aos seus perversos intuitos de preponderancia absoluta pelo terror, mareando o brilho de sua obra. Dolores, deante de Oscar, não falava, não emittia a sua opinião de concedora dos bastidores da politica. Notava-se-lhe certo retrahimento doloroso, como se a pungisse secreta magua, que ella em vão procurava disfarçar. Abstinha-me mesmo de retalições com Souza e Mello, um adversario terrivel, vigilante, prevalecendo-se de todos os ensejos para ferir a Republica, os seus processos, os seus estadistas, que acabavam de sacrificar, sua necessidade, uma grande porção do territorio nacional, concluindo com a Republica Argentina um

tratado em que se dividia ao meio o territorio de Missões. Não lhes bastava esse prurido de reformas, feitas de afogadillo, uma agitação demolidora das velhas, das beneficis instituições do Paiz; não hesitavam ante o crime de mutilarem o territorio nacional.

— Para que, com que fim? — perguntava elle — Para satisfazerem um pedido do Moreno, que metteu na cabeça do Deodoro umas suppostas idéas de fraternidade sul americana, de necessidade de remover os motivos de divergencia com os nossos irmãos do Rio da Prata.

E sublinhou a palavra — irmãos, demonstrando a impropriedade do termo para caracterisar as relações dos dois povos, divididos por uma larga barreira de rivalidades irreductiveis.

— O territorio — continuou elle, com desusado ardor — é nosso, muito nosso. Acabámos de exploral-o e o trabalho da commissão incumbida desse serviço demonstrou cabalmente os nossos direitos. De resto, o Imperio celebrára um tratado de arbitramento, que deveria ser mantido como a solução unica, razoavel, patriótica. Pois bem, abandonaram esse rumo para resolverem a questão com um golpe desastrado, para contentarem o tal senhor Moreno, para fazermos cortezias áquelles que nos detestam e estão explorando, habilmente, a nossa precaria situação. O ministro do Exterior não se justifica desse erro formidavel.

— O ministro do Exterior — atalhou Sergio de Lima — tem a solidariedade de todo o governo nesse negocio. O tratado foi feito aqui no Rio de Janeiro de perfeito accordo com todos os membros do governo e foi apadrinhado com a auctoridade de Benjamin Constant.

— Não é o que dizem os que estão agitando a opinião contra essa monstruosidade.

— Garanto-lh'o eu, meu caro mestre. O tratado foi opportuno. O governo estava sob a pressão de um prazo para deliberar, nos termos do tratado de exploração do territorio, acerca de um accordo directo, e era conveniente remover pretextos de estremecimentos com os nossos visinhos, quando a Republica não está ainda definitivamente consolidada. Este foi o pensamento de Benjamin Constant. A agitação não tem fundamento. O governo não pôde allegar as transcendentis razões de Estado que o inspiraram, porque, nesses casos diplomaticos, ha conveniencias a respeitar, predominam razões que se não podem trazer á imprensa, ao parlamento, sem graves prejuizos.

— Não as reconheço, nem posso justificar esses melindres quando se trata da integridade nacional. O governo, na sua qualidade de provisorio

dependente da manifestação da soberania nacional, não tinha competencia para resolver o litígio; deveria abster-se de uma solução definitiva e desastrosa como essa.

— Mas a solução não é definitiva — insistiu Sergio de Lima, contrastando em calma com a superexcitação do seu antagonista — O tratado foi feito com a clausula expressa de ser approvedo pelo Congresso. A Nação, portanto, chamada a se pronunciar a respeito, compete a decisão definitiva, approvando-o ou regeitando-o. Ficará, assim, perfeitamente resalvada a responsabilidade do governo.

— Mas esse Congresso obedecerá cegamente; não será capaz de revogar um acto do seu creador.

— Muito obrigado pela parte que me toca.

— Já se vê que o amigo está fóra de questão; o sr. é deputado, mas não é o Congresso. Além de que, os presentes são sempre exceptuados.

(Continúa)

### — IDÉAS RUSSAS —

As pyrotechnias rhetoricas e os alardes de erudição a que deu logar o conflicto russo-japonez, têm, de alguma sorte, desnorreado o juízo feito universalmente acerca das idéas e factos correntes entre os russos.

Revolvida, sondada pelos intellectuaes europeus, a Russia continúa um enigma a que não dão solução as affirmações documentadas da critica mundial sobre as causas, os effeitos e a morbidez symptomatica dos acontecimentos actuaes.

Todas as modalidades intellectuaes e sociaes, — o autocracismo, o communismo agrario, o nihilismo, o oblomovismo e, em fim, o tolstoismo, syncrethisados pelos cerebros de escól, — foram fortemente discutidas, sendo, entretanto, completamente abandonado o estudo *d'après nature* destes slavos enxertados de mongóes.

Estudando esta caprichosa proliferação de opiniões, Dostoiewsky, ha cerca de quarenta annos, escreveu as seguintes notas que transcrevemos, devido á palpitante actualidade do assumpto, que o grande pensador illustra através de uma fina ironia:

O francez chega até nós com o firme proposito de tudo descobrir, graças a seu penetrante olhar, de pôr a nú os reconditos de nossa consciencia e de fazer sobre tudo um julgamento definitivo. Já em Pariz elle sabia o que haveria de escrever a respeito da Russia; vendera até um volume no qual, *à priori*, contava a sua viagem. Apparece, então, entre nós para brilhar, encantar, enfeitigar.

Partindo de França com a intenção de perscrutar-nos até o intimo, consente em passar entre nós mais de um mez, espaço de tempo immenso, pois neste longo periodo um francez acharia meio de fazer e de escrever per-

feitamente uma viagem ao redor do mundo. Avaliai, após isto, a boa fé e o zelo do investigador!

Começa por lançar no papel as primeiras impressões de Petersburgo, que elle tradúz com felicidade; depois, compara nossos costumes politicos ás instituições inglezas, após ter ensinado aos «boyardos» a voltear as mezas e a soprar bolhas de sabão, o que, seja dito entre parenthesis, distrae um pouco o aborrecimento solemne de nossas renniões. Decide-se, então, a estudar a Russia a fundo: — parte para Moscou.

Ahi, contempla o Kremlin, divaga pensando em Napoleão, aprecia bastante o nosso chá, louva a belleza e a saudavel apparencia do povo, affligindo-se, entretanto, com sua prematura corrupção e deplorando o insuccesso da cultura europeia, apressadamente introduzida, e o desaparecimento dos verdadeiros costumes nacionaes.

A proposito, fallará de Pedro, o Grande, e, sem transição, informarnos-á da sua propria biographia, recheiada de espantosas aventuras. A um francez tudo pôde acontecer sem que, por isso, elle se resinta do menor mal.

Depois, dar-nos-á um conto russo, um conto verdadeiro, bem entendido, feito de pedaços da vida russa, apinhados em flagrante, e intitulado: *Pétrouchka*. Esta narração terá dois meritos — pintará perfeitamente os costumes que a rigor podem ser observados na Russia, e, ao mesmo tempo, dará uma idéa dos habitos e costumes das ilhas de Sandwich.

De passagem, o nosso viajante dignar-se-á lançar sobre a litteratura russa um olhar rapido; falar-nos-á de Pouschkin e complacientemente notará que era um poeta não destituído de talento, perfeitamente nacional e que... imitava, com felicidade, André Chénier e madame Deshoulières. Apreciará Lemonossow, fallará com certa deferencia de Derjavine, notando ser um fabulista muito bem dotado, original, e que... imitava, com graça, La Fontaine.

Chorará a prematura morte de Krilov, que, em seus romances, muito pessoas... imitava passavelmente Alexandre Dumas.

Então, dirá adeus a Moscou, penetrará ainda mais o paiz, extasiar-se-á ante os troikas e reaparecerá no Caucaso, onde, prestando concurso ás tropas russas, atirá sobre os circassianos, travará relações com Schamyl, relendo juntos os *Trez Mosqueteiros*.

Não rimos; nada exageramos. Sentimos perfeitamente parecer que caricaturisamos; mas, certificaí-vos: lêde os livros mais serios, escriptos a nosso respeito pelos estrangeiros; julgareis, então, si dizemos ou não a verdade.

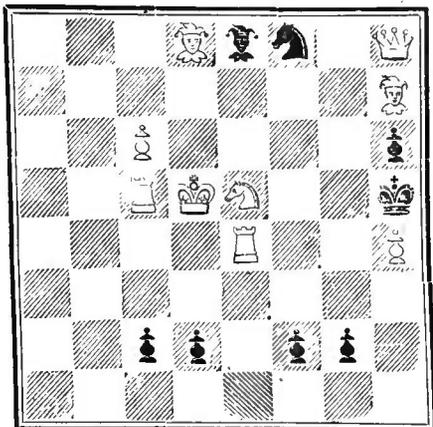
DOSTOIEWSKY.

## XADREZ

## PROBLEMA N. 11

Arthur Napoleão (Rio)

PRETAS (8)



BRANCAS (9)

Mate em dois lances.

O problema que hoje publicamos é de uma grande originalidade de concepção e executado com uma arte incomparavel. Não fôsse o auctor o admiravel artista que toda gente conhece.

## PARTIDA Nº 11

PARTIDA FRANCEZA (\*)

Brancas (Pillsbury)	Pretas (Lasker)
P 4 R	— 1 — P 3 R
P 4 D	— 2 — P 4 D
C 3 B D	— 3 — C 3 B R
P 5 R	— 4 — C R 2 D
P 4 B R	— 5 — P 4 B D
P × P	— 6 — C 3 B D
P 3 T D	— 7 — C × P B D
P 4 C D	— 8 — C 2 D
B 3 D	— 9 — P 4 T D
P 5 C	— 10 — C (3 B) 1 C
C 3 B R	— 11 — C 4 B D
B 3 R	— 12 — C (1 C) 2 D
Roque	— 13 — P 3 C R (a)
C 2 R	— 14 — B 2 R
D 1 R	— 15 — C 3 C D
C (3 B) 4 D	— 16 — B 2 D
D 2 B (b)	— 17 — C (3 C) 5 T
T D 1 C D	— 18 — P 4 T R ?
P 6 C (c)	— 19 — C × B
P × C	— 20 — B × P T D
P 5 B (d)	— 21 — P C × P
C 4 B R	— 22 — P 5 T R (e)
T 1 T D	— 23 — B 2 R
T × C	— 24 — B × T
C (4 D) × P R !	— 25 — P × C
C × P R	— 26 — B 2 D (f)
C × D (g)	— 27 — T × C
B 5 B	— 28 — T 1 B D
B × B	— 29 — R × B
D 3 R	— 30 — T 3 B D
B 5 C x	— 31 — R 2 B
T 1 B D	— 32 — T × T x
D × T	— 33 — T 1 B D
D 1 R	— 34 — P 6 T R
P × P	— 35 — T 1 C R x
R 2 B	— 36 — P 5 T D
D 4 C D	— 37 — T 3 C
R 3 B	— 38 — P 6 T
D × P	— 39 — T × P C
D 5 B D	— 40 — T 3 R
D 7 B (h)	— 41 — R 2 R
R 4 B	— 42 — P 3 C
P 4 T	— 43 — T 3 B D
D 8 C D	— 44 — B 1 R
R × P	— 45 — T 3 T R
D 7 B x	— 46 — R 1 B
D 8 D	— 47 — P 4 C
P 6 R	— 48 — T 2 T R
R 5 R	— 49 — P 5 C
D 6 D x (i)	— 50 — abandonam

(\*) Esta admiravel partida foi jogada em 1896, no Torneo de Nuremberg, entre dois dos mais fortes campeões mundiaes. Pillsbury é esse extraordinario enxadrista que ainda ha cerca de dois annos jogava em São Petersburgo 22 partidas simultaneas, sem ver os taboleiros; Lasker é o profundo e elegante estrategista que actualmente empunha o sceptro de campeão do mundo. Nesta partida, elle não se defende como de costume. Basta observar que nos 17 primeiros lances elle move os cavallos 10 vezes, e sem grande proveito, ao passo que o adversario, na mesma altura, tinha o seu jogo desenvolvido e fortemente aggressivo. As notas que damos abaixo são do dr. Caldas Vianna.

A partida franceza, bem como a defeza siciliana, é o que se chama uma partida fechada. Caracterisa-se pelo 1º lance das P — P 3 R. Vem do seculo 15º e é considerada geralmente como uma defesa muito segura. Evita os ataques violentos, como os gambitos, que não são possiveis contra ella; por outro lado, conserva o jogo das P. muito apertado. Em regra dá pouca vivacidade ao combate; mas quando é entre mestres que o combate se trava, como neste caso, póde-se, mesmo com ella, ter uma partida viva, animada e brilhante, como é esta.

(a) As P. jogam este P para impedir P 5 B R. Como se verá pela continuação, as B. conseguem fazer este lance, com uma estrategia das mais subteis e admiraveis.

(b) Ameaçando C × P R e B × C.

(c) Chave de uma combinação admiravel.

(e) A' primeira vista parece inutil este sacrificio; mas só a continuação da partida poderá elucidar sobre a profundeza da combinação.

(e) Inintelligivel.

(f) Subitamente a partida das P. está perdida e não ha melhor lance que este. A qualquer outro, a B. respondem D × P B e convidamos os amadores a estudarem a curiosissima posição.

(g) Pillsbury joga todo este final, ainda difficil, com admiravel exactidão.

(h) Se D × P, B 3 B !

(i) As Brancas tomam agora os pões e ganham facilmente.

Tacito & Lipman. Recebemos e vamos examinar. Aguardamos o cumprimento da sua promessa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 10 : 1 — C 6 D, R × T (a, b, c, d, e, f); 2 — C 4 B D x, R × C ou R × P; 3 — D 3 D mate; (a) 1... P × T; 2 — D 2 C x, R × P ou R 6 R; 3 — P 4 R ou B 6 T mate; (b) 1... P (3 R) × P; 2 — D 4 R x, P × D ou R × T; 3 — C 5 B R ou C 7 C D mate; (c) 1... P (3 B) × P; 2 — D 1 C R ! x, R 4 R; 3 — D 1 T D ! mate; (d) 1... R 6 R; 2 — D 1 D e 3 — B 6 T ou D × B mate; (e) 1... B × P, B 4 C, B 2 C, B 1 B; 2 — D 4 R x e 3 — C mate; (f) 1... B 5 B ou B 6 D; 2 — C × B x ou D × B x, etc.

JOSÉ GETULIO.

## THEATRO

Depois da representação do *Thermidor*, tivemos o beneficio de Coquelin, com a sua peça de resistencia, o impercível *Cyrano de Bergerac*, que é sempre um acontecimento e que para a festa do dia foi de uma feliz escolha. Infelizmente, ao vel-o não se tem a sensação de um artista que váe de melhor a melhor, mas a de uma reputação feita, consagrada, meri-

diana, a que nada mais falta além de um occaso de apothose que dê a illusão de uma aurora.

Bem entendido, isso é no *Cyrano de Bergerac*, que acompanha a fortuna zenithal do seu creador e interprete.

No *Les affaires sont les affaires*, as honras são todas da sra. Moreno, que nos deu, na noite de seu beneficio, a soberba interpretação de Germaine Lechat, typo delicioso que, na sadia brutalidade da peça inteira, resalta com uma pureza extrema.

A comedia de Mirbeau é digna de Molière. O vigor da execução, o alcance de sua critica, a coragem de sua analyse, e o desenlace, dolorosamente ironico, denotam em toda a peça um artista superior, digno dos tempos classicos do theatro francez.

\* \*

O actor José Ricardo, um dos truões mais irritantes e mais perigosos do theatro *canaille* d'aquem e d'além-mar, está muito desgostoso do Rio de Janeiro. A razão é facil: ha, aqui, actualmente, uma outra companhia do mesmo genero, que lhe faz séria concurrencia e, portanto, o desengaria de fortuna com que está acostumado a deixar o Brazil. De modo que, para elle, o Rio é hoje apenas uma terra sem capacidade para mais de duas companhias... o contrario de ha dois annos, quando um publico de labregos seus patricios lhe enchia as algibeiras, para que esta fôsse a melhor terra do mundo...

O factio incontestavel é que um tal theatro vale menos que as relés noticiasinhas bem calculadas da imprensa diaria, onde o annuncio é que decide do seu tom, do seu enthusiasmo. Por nossa parte, nunca fizemos a essa especie de theatro a menor referencia, sinão para hostilisa-lo como singularmente nefasto e máu educador do povo. E, presentemente, não a fariamos si tudo isto não fôsse um excelente pretexto para consignar que a queixa desse actor deve ser a Portugal, que nos mandou e nos manda o publico que já lhe deu muito a ganhar e agora vagamente o illude. Parece que só desse publico a companhia portugueza póde esperar festas. Para um publico que tenha ao menos gosto e seriedade, a esperanza que nelle tenha esse *cabotin* é um desafôro.

O presidente da commissão encarregada de erigir um monumento a José do Patrocinio foi á companhia José Ricardo solicitar um espectaculo em favor dessa homenagem nacional. Pois o empresario respondeu que *para o sr. José do Patrocinio, nada*.

Essa insolencia prova ainda que o Brazil em que essas companhias estão, é simplesmente a porção de terra brasileira habitada por portuguezes.

VARIO &amp; C.